



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA**

MICHEL GALDINO DO NASCIMENTO

**A INFLUNÊCIA DA AÇÃO SOCIAL DOS RELIGIOSOS HOLANDESES NO
PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE ARARA-PB (DÉCADAS DE 1970 E 1980)**

CAMPINA GRANDE - PB

2018

MICHEL GALDINO DO NASCIMENTO

**A INFLUNÊCIA DA AÇÃO SOCIAL DOS RELIGIOSOS HOLANDESES NO
PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DE ARARA-PB (DÉCADAS DE 1970 E 1980)**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Graduação em História da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Licenciado em História.

Área de concentração: Cidades

Orientador: Prof. Ms. Iordan Queiroz Gomes

CAMPINA GRANDE - PB

2018

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244i Nascimento, Michel Galdino do.
A influência da ação social dos religiosos holandeses no processo de desenvolvimento de Arara-PB (décadas de 1970 e 1980) [manuscrito] / Michel Galdino do Nascimento. - 2018.
65 p. : il. colorido.
Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2018.
"Orientação : Prof. Me. Jordan Queiroz Gomes ,
Coordenação do Curso de História - CEDUC."
1. Estudo das Cidades. 2. Arara-PB. 3. Lambert e Leonard.
4. História da Paraíba. I. Título

21. ed. CDD 981.33

MICHEL GALDINO DO NASCIMENTO

A INFLUNÊCIA DA AÇÃO SOCIAL DOS RELIGIOSOS HOLANDESES NO PROCESSO
DE DESENVOLVIMENTO DE ARARA-PB (DÉCADAS DE 1970 E 1980)

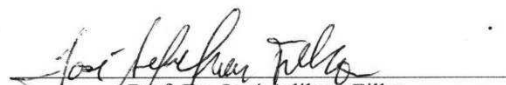
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
no Curso de Graduação em História da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do grau
de Licenciado em História.

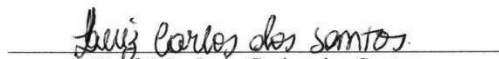
Área de concentração: Cidades.

Aprovada em: 06/12/2018.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. Jordan Queiroz Gomes (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Dr. José Adilson Filho
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)


Prof. Me. Luiz Carlos dos Santos
Examinador Externo

Dedico este trabalho a todos os educadores do Brasil, principalmente os profissionais da educação básica das escolas públicas brasileiras, que pouco são valorizados e mesmo assim continuam na sua empreitada educacional, ainda sendo hostilizados pelo governo, onde todos falam que tem que se valorizar o professor, mas pouco é feito pra que isso aconteça.

Educadores merecem respeito e valorização.

Só a educação pode mudar a podridão desse país.

Viva a educação! Viva a História!

AGRADECIMENTOS

Agradeço a minha mãe Dalva, que não poupou esforços para me dar as condições para que eu pudesse concluir a graduação, sempre me incentivando a continuar quando pensei em largar tudo, mesmo com todas as dificuldades que enfrenta, sendo além de mãe, uma amiga de todas as horas, com a qual sei que posso contar, todo o agradecimento que se faça aqui será insuficiente para demonstrar o quanto sou grato.

Ao meu pai Marinésio, que no início da minha vida acadêmica me deu total auxílio moral e financeiro, continuando a me apoiar das mais diversas formas até os dias de hoje, sou grato por tudo que fez por mim durante toda a minha vida e espero um dia recompensar nem que seja minimamente.

Aos meus avós Antônia e José, que sem esperar nada em troca me hospedaram cotidianamente durante praticamente toda a graduação em sua casa, que considero meu segundo lar, para que eu pudesse me dirigir à Universidade. Sem eles eu com certeza não teria chegado a esse momento.

Agradeço imensamente a Mayara, que desde o início me dá apoio moral e intelectual, me confortando e incentivando, mostrando estar sempre presente, sempre que eu precisar, mesmo que eu não peça. Por mais que não fale sempre, jamais vou esquecer tudo que já fez por mim, e na mesma medida, jamais conseguirei expressar o quanto sou grato por tudo.

À minha avó Silvinha, que mesmo hoje não tendo mais consciência do que se passa, continuará sendo uma das pessoas mais importantes da minha vida, sempre solicita em ajudar em todos os momentos, fazendo um agradecimento especial por ter me acolhido em sua casa no início do curso. Jamais vou esquecer sua alegria quando lhe dei a notícia da minha aprovação no curso de História e o orgulho que transbordou em seus olhos. Sou grato por tudo que fez e que representa pra mim.

Ao meu saudoso avô Pedro, que mesmo tendo partido a tanto tempo, ainda significa tanto para mim e para minha família. Nos nossos curtos nove anos de convivência, é inegável o quanto contribuiu para minha formação como pessoa, pois apesar de seu pouco estudo, era um ser humano de ética e moral ímpares. Sou grato por tê-lo tido como avô.

Aos meus irmãos, principalmente à Rafael, que mesmo geograficamente distante, nunca deixou de se fazer presente em minha vida. Seu apoio foi imprescindível nessa caminhada, principalmente no início do curso, definitivamente o momento mais difícil nessa caminhada. Sou e serei infinitamente grato por tudo.

A todos os meus familiares, que de alguma forma me ajudaram e incentivaram nessa caminhada, citando aqui meu padrinho Joaquim e minha tia Salete, por todo o apoio que vem me dando ao longo dos anos, não poderia deixar de expressar minha gratidão.

A todos os entrevistados que colaboraram para este trabalho, tanto pela disponibilidade em nos oferecer seus depoimentos, como pela solicitude em nos fornecer fontes, como fotografias e documentos, contribuindo de modo ímpar para a concretização dessa pesquisa.

Agradeço também a todos, absolutamente todos, os professores que passaram em minha vida escolar e acadêmica, desde o jardim de infância até esses anos de graduação, em especial ao meu orientador, pelas leituras sugeridas e pelo auxílio prestado neste trabalho. Cada um deles contribuiu de modo ímpar em minha formação e me inspiraram, de uma forma ou de outra, a enfrentar os desafios dessa carreira.

Aos meus amigos de vida, companheiros de viagem e de jornada, dos quais, mesmo temendo cometer injustiças, citarei alguns nomes. Então agradeço a Amilson, José, Lidiane, Luana, Mateus, Wellington entre outros, que tornaram as viagens para a Universidade menos cansativas e enfadonhas, tornando-as mais divertidas. Obrigado pelas conversas, sérias ou descontraídas, todas elas foram um elo de crescimento e de apoio, nas quais muitas vezes me apoiei. Minha gratidão a vocês é imensa.

A todos os meus colegas de sala, que passaram em meu convívio ao longo desses quase cinco anos de aulas, dos quais dou destaque aos que iniciaram e terminaram essa jornada junto comigo, Augusto, Francisco, Hugo, Ivo, Janderson, Joabson, Ramon, Rodrigo e Tissiane. Sem vocês com certeza esse curso não teria a mesma graça e não teria sido vivenciado com tamanha alegria, descontração. Sentirei falta dos debates acalorados sobre temas históricos e das conversas divertidas que sempre tivemos. Agradeço a todos.

Enfim, a todos esses e a outros que por ato falho da memória não foram aqui citados, deixo meus mais sinceros agradecimentos. Se cheguei até aqui, cada um deles tem uma contribuição singular para esse momento.

“Dois amores fundaram, pois, duas cidades, a saber: o amor próprio, levado ao desprezo a Deus, a terrena; o amor a Deus, levado ao desprezo de si próprio, a celestial. Gloria-se a primeira em si mesma e a segunda em Deus, porque aquela busca a glória dos homens e tem esta a glória de Deus...”

Santo Agostinho – De Civitate Dei XIV, 28.

RESUMO

O estudo das cidades tem se tornado uma área da pesquisa historiográfica em constante ascensão nos últimos anos. As cidades são espaços em constante processo de transformação, tendo como elementos modificadores tanto seus próprios moradores em geral, assim como determinados personagens, que por meio de suas ações junto à população, ajudam nesse processo de transformação. Em Arara - PB foi esse o cenário que ocorreu a partir de 1968, e principalmente de forma mais incisiva nas décadas de 1970 e 1980, com a chegada na região dos cônegos regulares lateranenses Lambert de Groot e Leonard Vissers, religiosos holandeses que chegaram nessa região do agreste paraibano para realizar um trabalho humanitário semelhante ao que já haviam realizado anos antes em missão na África. Realizaram diversos trabalhos sociais em Arara – PB, como implantação de uma escola técnico-profissionalizante, de um ambulatório voltado a atender as necessidades de saúde da população, implantação de um cinema, construção de moradias populares e diversos outros trabalhos comunitários. Por meio da análise de documentos da Igreja, entrevistas, jornais, compilados de simpósios e biografia acadêmica, associados aos relatos de memória coletados através de depoimentos orais de membros que conviveram com Lambert e Leonard, se pretende aqui mostrar como o trabalho social realizado pelos religiosos holandeses na cidade de Arara – PB ajudaram a desenvolver a cidade não só em seu âmbito social pela melhoria de vida da população, mas também em sua estrutura, mostrando também que em uma cidade calcada na religiosidade, a memória popular tende a buscar ícones e símbolos de destaque, onde vem se encaixar exatamente as figuras de Lambert e Leonard.

Palavras-Chave: Cidades; Memória; Arara – PB; Lambert e Leonard.

ABSTRACT

The study of cities has become an area of historiographical research ever increasing in recent years. Cities are spaces in constant process of transformation, having as modifying elements both their own inhabitants in general, as well as certain characters, who through their actions with the population, help in this process of transformation. In Arara - PB this was the scenario that occurred from 1968, and especially more incisively in the 1970s and 1980s, with the arrival in the region of regular canons Lambert de Groot and Leonard Vissers, Dutch religious who arrived in this region of the Paraíba agreste to carry out humanitarian work similar to what they had already done years before in mission in Africa. They carried out various social work in Arara - PB, such as the implementation of a technical-vocational school, an outpatient clinic aimed at meeting the population's health needs, setting up a cinema, building popular housing and other community work. Through the analysis of Church documents, interviews, newspapers, compiled symposiums and academic biographies, associated with the reports of memory collected through oral testimonies of members who lived with Lambert and Leonard, it is here to show how the social work carried out by religious Dutch in the city of Arara - PB helped to develop the city not only in its social scope by the improvement of population life, but also in its structure, also showing that in a city based on religiosity, popular memory tends to seek icons and symbols of prominence, where it comes to fit exactly the figures of Lambert and Leonard.

Keywords: Cities; Memory; Arara - PB; Lambert and Leonard

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPITULO I	
ARARA NO TEMPO E NO ESPAÇO.....	19
1.1 CARACTERÍSTICAS GERAIS	19
1.2 POVOAMENTO E PRIMEIROS HABITANTES.....	21
1.3 UMA CIDADE E A PRESENÇA RELIGIOSA.....	21
1.4 LAMBERT E LEONARD: DOIS MISSIONÁRIOS EM ARARA.....	24
1.5 A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA.....	26
CAPITULO II	
LAMBERT E LEONARD: DO INICIO DOS TRABALHOS À PREOCUPAÇÃO COM O ENSINO.....	30
2.1 O QUE OS TROUXE PARA ARARA?.....	30
2.2 A CHEGADA E OS PRIMEIROS TRABALHOS.....	31
2.3 A ESCOLA PROFISSIONALIZANTE.....	40
CAPITULO III	
LAMBERT E LEONARD: DA PREOCUPAÇÃO COM AS MORADIAS E COM A SAÚDE AO IMAGINÁRIO POPULAR SOBRE OS RELIGIOSOS.....	45
3.1 “CASA DE TIJOLO”	45
3.2 O TRATO COM A SAÚDE.....	46
3.3 AS FESTIVIDADES.....	52
3.4 SUCESSORES DE IBIAPINA?.....	53
CONCLUSÃO.....	57
FONTES.....	59
REFERÊNCIAS BIBLIGRÁFICAS.....	60
APÊNDICES.....	62

INTRODUÇÃO

O tema cidade tem se mostrado um assunto abrangente para se trabalhar na atualidade, abordando os seus mais diversos aspectos, desde seu desenvolvimento até o que se chama de cotidiano, segundo a abordagem de Michel de Certeau¹. No caso deste trabalho, o que se pretendeu foi uma representação das mudanças ocorridas na cidade de Arara – PB a partir da ação social promovida pelos cónegos holandeses Lambert de Groot e Leonard Vissers, que com seus trabalhos humanitários voltados ao povo, especialmente à parcela mais pobre da população, ajudaram a modificar o panorama tanto social quanto estrutural do cotidiano ararense.

O trabalho feito aqui com a memória, parte da análise de Michael Pollack², onde o autor mostra que “em geral, a memória parte de determinados acontecimentos, personagens e lugares”. Desse modo, o lugar de onde essa memória parte é a cidade de Arara - PB, cenário principal deste trabalho e espaço onde os acontecimentos aqui descritos ocorreram, os personagens são logicamente os cónegos lateranenses Lambert de Groot e Leonard Vissers, religiosos holandeses que vieram para esta cidade em missão e passaram a implementar seus trabalhos de auxílio social junto aos mais necessitados. O acontecimento que se busca representar com essa memória é a transformação que ocorreu no contexto ararense à partir dos trabalhos dos religiosos, que alteraram o cotidiano da população, melhoraram as condições de vida dos mais necessitados e ajudaram a dar novas perspectivas de futuro para o povo, especialmente aos jovens e aos mais pobres.

A análise aqui feita, busca demonstrar a cidade não só em seus avanços estruturais, na sua parte física, mas analisar como as cidades se concretizam de acordo com as experiências subjetivas de seus partícipes principais, que são seus habitantes³. Tenta-se, portanto, mostrar o cenário ararense antes e depois da chegada dos religiosos, analisando como o cotidiano de Arara - PB se modificou e como as ações promovidas por eles mudaram os costumes e as condições de vida junto à população.

Importante também notar aqui a ideia implícita de modernidade, tendo sempre em mente que essa concepção tem contextos diversos de acordo com a estrutura da cidade que se estuda. Em cenários de pequeno porte, como é o caso de Arara - PB “a modernidade se apresenta como uma ruptura e uma revolução em vários âmbitos, como o geográfico, econômico, político,

¹ CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**: 1, Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.

² POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

³ ANDRADE, Joel Carlos de Souza. et al. (Org.). **Cultura e Cidades**. 1 ed. – Campina Grande: EDUFCG, 2009.

social, ideológico e cultural”⁴. Seguindo esse ponto de vista, a modernidade promovida pela ação dos religiosos se deu principalmente sobre o que tange os aspectos sociais, espacialmente no assistencialismo, garantia de oportunidades de estudo e formação profissional, e principalmente nos cuidados com a saúde dos mais necessitados.

A cidade é mostrada aqui como um espaço de construção social, de relações de poder e de busca por espaço e oportunidades, onde através da memória se busca representar o real de um espaço que já não existe mais, ou que existe, mas está modificado pelo tempo, pela ação humana nesse espaço através do tempo. Desse modo, a representação que da cidade se faz aqui não busca resgatar fidedignamente a cidade do passado, mas mostrar parte das representações que dela são parte integrante, de sua realidade. É a partir dessas representações que se pretende mostrar as relações de sociabilidade existentes na cidade, especialmente as relações dos religiosos com a cidade e si, mas principalmente com a população, e como essas relações alteraram o panorama cotidiano de Arara - PB.

Como nos mostra Pesavento⁵, uma cidade é capaz de comportar nela mesma muitas outras cidades, uma vez que, de acordo com o olhar e a perspectiva que se lança sobre ela, é possível representar o que ela foi um dia ou uma versão do que ela foi, passando pelo que ela se tornou, pelas transformações pelas quais passou decorrentes de determinados elementos de modernidade, e assim se projetar em que esse espaço tende a se transformar dentro dessa evolução, tendo sempre em mente que essas concepções dependem do olhar que o historiador lança sobre esse objeto, sempre a partir do seu tempo presente. É papel do historiador, através dos vestígios deixados pelos habitantes do passado ou da memória dos que estão ainda em seu presente e que viveram o passado estudado, expressar os pensamentos, contextos e representações de outrora.

De acordo com o olhar do historiador e com as questões que ele coloca sobre o documento, seja ele de que tipo for é que o texto histórico, a própria história dos fatos narrados, se faz, não havendo portanto documento nem história sem um prévio questionamento sobre as fontes existentes e necessárias para a resolução das questões propostas pelo historiador. Desse modo, tudo pode ser potencialmente um documento histórico, e um mesmo documento pode ter múltiplas análises diferentes, sempre dependendo do olhar e da crítica implementada pelo historiador, além é claro do seu objetivo ao escolher tais fontes para responder às questões que

⁴ DAMASCENO, Francisco José Gomes; SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. (Org.). **Cidades (Re) Inventadas**: Sujeito(s), Fonte(s), história(s) na Paraíba e no Ceará. – Fortaleza/Campina Grande: EDUECE/EDUFCG, 2010, p. 21.

⁵ PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito além do espaço**: por uma história cultural do urbano. Estudos históricos. Rio de Janeiro, n. 16, 1995.

elaborou. Do mesmo modo, também praticamente tudo pode ser visto como um tema de pesquisa histórica⁶.

Para o estudo das cidades, especialmente as de pequeno porte, como é o caso de Arara, e sob determinados aspectos de pesquisa, como é a nossa, é comum a escassez ou insuficiência de documentação dita oficial, especialmente escrita. Com isso, somado ainda ao fato do crescimento da história cultural ou social, a coleta de relatos de memória através da oralidade tem se mostrado uma saída importante para a pesquisa histórica nesse setor. Desse modo, no que tange ao uso da oralidade como fonte para o saber histórico, Thompson afirma que

[...] a história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisas em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser memória de muitos, possibilitando a evidência de fatos coletivos.⁷

Com isso, o autor ressalta a importância dada à oralidade para a construção de pesquisas históricas nos dias de hoje, onde a multiplicidade de objetos e abordagens já feitas limita ou poderia diminuir a quantidade e variedade de novas abordagens. Através da oralidade é possível promover uma valorização maior do homem, do ser humano enquanto fonte viva, história viva, fonte de memória que pode nos contar não só a sua vida, mas também como eram determinados contextos, e apontar versões sobre fatos sob pontos de vista ainda não analisados.

Diante disso, as fontes orais passaram então a ser identificadas como meios de transmitir uma dada visão de mundo, ou ainda, uma representação de uma experiência passada. A memória mediada pela oralidade, torna-se uma alternativa interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades, que se manifestam e dão sentido a formas de vida, bem como as escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as esferas da sociedade. Se essas fontes orais são capazes de transmitir informações fidedignas, não se pode ignorá-las, ou tratá-las como fontes a mais, pois elas se fazem fontes de extraordinário valor como testemunho falado⁸.

A utilização da história oral como fonte se torna uma oportunidade de dar voz a quem não tinha oportunidade de expressar seus testemunhos, pelos mais variados motivos, e que quando eram mostrados em documentações oficiais, não eram mostrados de forma esclarecedora. Assim, o trabalho da história oral contribui para resgatar, ou até mesmo recriar

⁶ PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

⁷ THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p. 138. Apud NASCIMENTO, Francisco Alcides do; MONTE, Regianny Lima. (Org.). **Cidade e Memória**. – Teresina/Imperatriz: EDUFPI/Ética, 2009, p. 134.

⁸ GOMES, Iordan Queiroz. **Sensibilidades e representações na construção do espaço urbano aroeirense entre sonhos, desejos e práticas (1920-1960)**. Campina Grande: UFCG, 2012. 274f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2012.

um nível de historicidade novo, que antes era conhecido apenas através dos meios produzidos pela dita cultura oficial. Trata-se de um meio de representar a vida cotidiana das classes populares, sendo que esta, se mantém na memória, mesmo podendo sofrer com alterações ou com o processo de seleção dessas memórias, ou com a mescla das memórias adquiridas posteriormente ao período em que se estuda⁹.

Através da fala se apresenta uma memória social, em que diferentes maneiras de se perceber a realidade possuem traços em comum, revelando os individuais e coletivos em todos os depoimentos que são prestados. Ao ser transcrita, a fala do entrevistado estabelece campos narrativos, possibilitando estudar de forma detalhada as identidades e diferenças do mundo das memórias. Na relação entre entrevistado e entrevistador deve ser prioridade o que o entrevistado tem o interesse de contar, não condicionando respostas, e dos relatos desenvolvidos, tentar extrair o que se faz interessante para sua pesquisa¹⁰. Isso ocorreu com frequência na coleta de depoimentos dessa pesquisa, quando os entrevistados e o entrevistador não seguiam a sequência dos questionários elaborados, e os entrevistado começava a falar abertamente sobre o tema, muitas vezes, respondendo às perguntas pré-elaboradas, antes mesmo que estas tivessem sido feitas.

Os relatos efetuam um trabalho em que transformam lugares em espaços e espaços em lugares, organizando jogos de relações mutáveis que uns mantem com os outros, apresentam assim uma contradição, representada pela relação entre a fronteira e a ponte, isto é, entre o espaço (legítimo) e sua exterioridade (estranha). O relato tem o papel decisivo da descrição, e toda descrição é mais que uma fixação, é um ato criador. Desse modo, a descrição é criadora de espaços, assim como onde os relatos desaparecem ocorre a perda de espaço¹¹.

Através do uso da oralidade é possível também representar as experiências, tanto dos entrevistados como para o historiador que pretende documentar essas falas, além de abordar visões de mundo e representações tanto do passado como do presente, e assim instituir um novo campo de documentação que tem se perdido com o falecimento das fontes vivas. Com a oralidade e a documentação dessas falas, relatos, depoimentos, se abre uma nova abordagem e se amplia o campo de fontes, que passam a disputar com outros tipos de fontes, mas com a diferença de que a documentação extraída da oralidade está diretamente ligada aos sujeitos, e principalmente as classes populares¹². Isso ocorre nesse trabalho no sentido de que todos os

⁹ MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. 6 ed. - São Paulo: Contexto, 2010.

¹⁰ ANDRADE et al. 2009.

¹¹ CERTEAU, 1994.

¹² MONTENEGRO, 2010.

entrevistados são testemunhas oculares, ou seja, todos presenciaram os fatos relatados, ou pelo menos ouviram tais relatos dos próprios personagens aqui trabalhados, tendo em todos os casos uma relação muito próxima com os religiosos holandeses.

Portanto, a história oral se faz importante, não apenas enquanto uma técnica a mais de pesquisa, mas um método em que entrevistado e entrevistador se aliam para analisar e tentar rememorar uma mesma temática, sendo uma metodologia bastante participativa. A validação dos depoimentos populares, através de entrevistas, sem desconsiderar o valor das fontes documentais, se destaca tornando possível analisar um maior aprofundamento da temática estudada, quando as experiências individuais se relacionam com a memória social, permitindo ouvir novos agentes dessas experiências vivenciadas no cotidiano dos espaços urbano¹³.

Nesse contexto, na construção de um trabalho histórico, depoimento oral e fontes escritas, tem papel de complementaridade, uma auxilia a outra, tendo logicamente especificidades em seus métodos de análise, nos procedimentos técnicos e metodológicos. No que tange ao uso da oralidade como fonte principal, ou mesmo como fonte auxiliar, pode-se notar que as percepções particulares e específicas, se singularizam, o que acaba por exigir que os parâmetros narrativos sejam constantemente recriados e inovados¹⁴.

Vale destacar que, mesmo a oralidade não sendo mais considerada uma fonte auxiliar aos relatos das memórias se faz necessário acrescentar o embate com outros tipos de fontes, aos documentos, para assim reafirmar o que está sendo dito, ou refutar as falas, ou porque não, questionar os documentos ditos oficiais, uma vez que estes foram elaborados num dado momento histórico e por pessoas inseridas em campos sociais, políticos e até mesmo religiosos, e que desse modo podem ter influenciado na sua elaboração, ainda que esses “erros” não tenham ocorrido de má fé¹⁵.

Importante ressaltar também para essa pesquisa, que se parte da análise de Pollack¹⁶, no que tange às memórias individuais e coletivas, o enfoque que se dá à memória aqui é o de que todas as memórias são potencialmente coletivas, e que não existem lembranças estritamente individuais, uma vez que as memórias são lembranças de fatos passados, vividos socialmente, dentro de determinado contexto e coletividade. É nesse sentido que a parte da pesquisa oral deste trabalho se pautou, sob o ponto de vista de que mesmo as memórias coletadas por meio da oralidade sejam em parte individuais, tratando fatos da vivência do entrevistado, essa

¹³ NASCIMENTO; MONTE, 2009.

¹⁴ POLLACK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

¹⁵ MONTENEGRO, 2010.

¹⁶ POLLACK, 1992.

vivência ocorreu num mesmo espaço, que foi a cidade de Arara, e numa mesma coletividade, que foi a população ararense.

A relação entre o espaço urbano e a memória é dada através do olhar que se volta para trás, ou seja, que remete ao passado, sendo que as lembranças são capazes de criar suas próprias cidades, cidades de memória, que estão a mercê do tempo e das mudanças ocorridas na materialidade do espaço, especialmente as empreendidas por projetos que visam a substituição das cidades e sua reformulação do espaço¹⁷.

Sendo a memória seletiva, ela pode criar ou enaltecer determinados acontecimentos, personagens e lugares, que podem ser reais e imaginados, projetados de outros eventos, onde nem tudo fica gravado, e do que se grava nessa memória, apenas uma parte é relatado para registro. Dessa forma, seja por esquecimento ou por descarte, as memórias são fontes fluidas, que se perdem no tempo e no espaço, sofrendo alterações e flutuações que variam de acordo com o momento em que são adquiridas e articuladas e do momento em que são expressas, podendo se dar de forma consciente ou inconsciente¹⁸. No caso de Arara, pode-se especular uma certa projeção de memória no que tange a imagem de Lambert e Leonard, dito por alguns personagens, como sendo sucessores do missionário Padre Ibiapina, como será visto mais à frente.

É a partir da representação das reações, do que está submerso nos desejos e vontades individuais e coletivas, que a memória é constituída, diferente da história que trabalha com o que vem ao público, com o que vem à tona na sociedade em que se está inserido, ou que se estuda e recebe os recortes culturais, temáticos e metodológicos a partir do trabalho do historiador. Dessa forma, a representação de tal memória, individual ou coletiva, se torna a possibilidade de trazer para o plano do historiador o registro da reação vivida dos acontecimentos e dos fatos históricos, transformando a memória em história¹⁹.

Sendo múltipla e diversificada, a memória trabalha com o vivido, com aquilo que ainda está presente no grupo, enquanto a história é apenas uma e se dedica a construir a representação de fatos distantes, ou ainda, quando e onde terminam as possibilidades de se encontrar testemunhas daquela lembrança. Dessa forma, história e memória são elementos distintos e inseparáveis, uma vez que, a história é um campo de estudo que resgata o passado, que é um

¹⁷ NASCIMENTO; MONTE, 2009; ANDRADE et al. 2009.

¹⁸ POLLACK, 1992.

¹⁹ MONTENEGRO, 2010.

campo da memória e assim aponta possíveis explicações do presente, projetando o futuro. Desse modo, a memória possui elementos de base para a construção de uma concepção histórica²⁰.

Contudo, ao ocorrer o chamado esfacelamento da memória individual e coletiva, ocorre também uma ruptura com o passado, uma vez que se tornam escassos os meios de memória, passando-se então a apelar para os locais de memória. Esse esfacelamento da memória atinge os indivíduos em seu plano particular e a sociedade como um todo, e conseqüentemente atinge também a memória da cidade, quando se usa por referência à memória aliada a monumentos, paisagens, datas, personagens históricos, tradições, costumes e assim por diante²¹.

Esse esfacelamento, pode ter causado a perpetuação da imagem quase que santificada que se tem dos religiosos aqui estudados, uma vez que são raros os relatos que não enaltecem não só o trabalho religioso e social de ambos, mas também enquanto seres humanos, que como todos nós são sujeitos a falhas, falhas essas que praticamente não são citadas em nenhuma entrevista, o que mostra que, mesmo de forma inconsciente, tenta se perpetuar os aspectos positivos dos relatos, negligenciando possíveis fatos que possam parecer negativos e que pudessem manchar a imagem dos personagens²².

Dito isso, esse trabalho se divide em três partes distintas, mas que se complementam umas às outras, do ponto de vista teórico, com a pesquisa bibliográfica que fundamenta e dá credibilidade ao trabalho; informativo, quando se situa o leitor ao local estudado e seu contexto na época estudada e atual; e pesquisa de campo voltada para a oralidade, que aliada a outras fontes escritas e já documentadas, complementam e formulam o corpo deste texto. De início mostra-se um levantamento bibliográfico de estudos que abordam temas referentes ao tema das cidades em seus variados aspectos, indo por trabalhos que abordem a temática da oralidade e seus diversos usos possíveis, e ainda leituras que enfatizam a memória e as abordagens históricas que podem ser feitas sobre ela, todas contidas nessa introdução.

As bibliografias aqui analisadas, abordam principalmente as cidades como objeto de estudo histórico em seus mais diversos aspectos, indo desde a cultura cidadina, passando pelos itens de modernidade em suas variadas proporções de acordo com as condições de cada cidade, e chegando à cidade enquanto lugar de memória. Também são abordados trabalhos que abordam especificamente os temas da memória e da oralidade, que norteiam toda esta pesquisa.

Dito isso, no primeiro capítulo dessa pesquisa, se busca apresentar ao leitor o cenário principal deste trabalho, a cidade de Arara – PB. De forma bem direta e concisa tenta-se mostrar

²⁰ HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

²¹ NASCIMENTO; MONTE, 2009.

²² POLLACK, 1889.

os aspectos gerais da cidade, apresentando o seu contexto histórico, fundação, desenvolvimento, principais personagens de destaque da cidade, etc. Já a partir desse ponto o leitor poderá ver uma introdução aos aspectos principais desta pesquisa, quando se mostra o contexto religioso em que a cidade se funda e principalmente as condições que trouxeram Lambert e Leonard para a cidade, assim como o contexto em que Arara se encontrava quando da chegada dos religiosos. Dessa forma, esse capítulo tem o intuito de servir como habituação do leitor ao cenário estudado e como introdução ao tema central da pesquisa.

A segunda parte da pesquisa, entram de vez em cena os personagens e o cenário principal do trabalho aqui exposto, ou seja, Lambert e Leonard e os seus trabalhos sociais realizados em Arara – PB. Nessa parte será aprofundado o contexto que fez com que os religiosos chegassem na cidade, bem como o início das suas ações sociais em prol do povo ararense e da própria cidade em si, focalizando a questão agrária principalmente, além de mostrar o trabalho voltado à educação dos ararenses, principalmente dos jovens com a instalação da escola profissionalizante.

A terceira e última parte do trabalho vem mostrar a preocupação dos religiosos com as questões estruturais das moradias dos ararenses, focalizando na constrição de casas de tijolo a quem não tinha condições. Também nessa parte, dá-se um aprofundamento maior na questão dos cuidados com a saúde da população de Arara, preocupação mostrada desde o início de sua passagem pela cidade. Por fim, depois de passar pela preocupação com o lazer, que também é inicialmente mostrada no capítulo II, mostra-se a questão da imagem criada em torno dos religiosos, como figuras de destaque do município, e tidos como sucessores de Padre Ibiapina, importante religioso no processo de formação de Arara.

Nesse sentido, vai-se abordar, nessas duas partes finais do trabalho como as ações de cunho social implementadas pelos religiosos holandeses ajudaram a cidade a se desenvolver do ponto de vista social, melhorando tanto as condições de vida da população como os costumes cotidianos da cidade, bem como mudanças estruturais na urbe.

Essa parte do trabalho contou com certa variedade de fontes. Inicialmente se trabalhou com um trabalho acadêmico biográfico elaborado por Lidiany Kall Gomes Pereira sobre a vida de Lambert de Groot, amplamente usado aqui pela sua riqueza de detalhes no que tange não só a passagem de Lambert em Arara, como também de sua vida em si, além do trabalho de organização coletiva, elaborado em comemoração aos cinquenta anos da chegada dos cônegos lateranenses na Paraíba denominado “A continuidade dos trabalhos do Padre Ibiapina realizado com os cônegos regulares lateranenses”, que vem mostrar a participação e os trabalhos de Leonard e Lambert (e dos demais religiosos que chegaram junto a eles) tanto na África,

passando pela chegada na Paraíba e pelos trabalhos realizados no Brasil. Também se analisam fotografias da época, onde aparecem o cenário (Arara) e os personagens (Lambert e Leonard), recorte de jornal onde consta relatos dos próprios personagens, discursos além de entrevistas.

Aliando-se a essas fontes, a pesquisa também conta com relatos de memória por meio da oralidade de pessoas que conviveram com os religiosos na época estudada e atestam a importância dos seus trabalhos para o desenvolvimento social da cidade. São analisadas quatro entrevistas gravadas e transcritas, que aliadas às demais fontes aqui trabalhadas ajudam a demonstrar que a passagem dos cônegos em Arara foi de grande destaque, tanto do ponto de vista espiritual como também no que tange o aspecto social, como será visto e confirmado a seguir.

CAPITULO I

ARARA NO TEMPO E NO ESPAÇO

1.1 CARACTERISTICAS GERAIS

Arara é um município brasileiro que se localiza na Mesorregião do Agreste Paraibano e na Microrregião do Curimataú Ocidental, no estado da Paraíba. Sua principal via de acesso é através da rodovia PB-105, popularmente chamada de Anel do Brejo, e se encontra a 155 quilômetros da capital do estado, João Pessoa. Faz limite com os municípios de Solânea (norte), Areia (sul), Serraria e Pilões (leste), Casserengue e Algodão de Jandaíra (oeste) Este município conta com uma população de 13.538 habitantes (segundo estimativa do último censo do IBGE em 2017) em uma área de 99,111 km², e dentre os 223 municípios paraibanos ocupa a 173ª posição em extensão territorial. Apresenta densidade demográfica de 135,6 habitantes por km², sendo bastante elevada em relação ao estado, que apresentava pouco mais de 69 habitantes por km².²³

Crescimento populacional		
Censo	Pop.	%±
1950	6 062	—
1970	7 704	—
1980	8 493	10,2%
1991	9 654	13,7%
2000	11 530	19,4%
2010	12 653	9,7%
Est. 2016	13 448	6,3%

Fonte: IBGE (1950-2016).

Tabela 1: Crescimento populacional

Na tabela acima, se nota o crescimento populacional ararense a partir da década de 1950 até a estimativa para o ano de 2016. Tendo-se em mente, que os religiosos holandeses,

²³ CIDADE-BRASIL. Município de Arara. 2016. Disponível em < <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-arara.html> > Acesso em 17 de setembro de 2018; IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, Cidades. Brasil/ Paraíba/ Arara, 2015 Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/arara/panorama>> Acesso em: 27 abril de 2018.

personagens desse trabalho, chegaram em Arara no final da década de 1960, pode-se tirar como parâmetro as décadas de 1970 e 1980, esticando esse olhar até o ano de 1991, quando a passagem se encerra. Observando essas datas (Grifo nosso) nota-se um considerável aumento populacional do município, o que se leva a pensar na influência das melhorias sociais implementadas pelos religiosos na cidade como o ambulatório e a maternidade que serão aprofundados mais a frente, que aliados logicamente a outros diversos fatores, contribuíram para que isso ocorresse.

O Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) desse município é considerado relativamente baixo, de acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), seu valor equivalia a 0,548, no último censo em 2010. Sendo o índice da longevidade equivalente a 0.712 e o da educação é de 0.407²⁴. Se esses dados atuais já nos mostram um baixo grau de desenvolvimento no município, se imagina as dificuldades encontradas por Lambert e Leonard quando chegaram na cidade, tendo em vista a falta de apoio governamental, principalmente em relação aos pequenos produtores rurais, que se caracterizava como principal meio de subsistência na época.

O município de Arara – PB está incluído no semiárido brasileiro, e se encontra a uma altitude de 467 metros acima do nível do mar, situando-se no alto do Planalto da Borborema, que por ser uma região bastante alta, apresenta temperaturas mais amenas do que no litoral. O clima da região é do tipo tropical chuvoso, e possui verão seco. O período das chuvas tem início nos meses de janeiro e fevereiro, e o término em setembro, podendo se estender até o mês de outubro. A temperatura máxima varia entre 30°C e mínima de 18°C²⁵.

A economia da cidade gira em torno das atividades de comércio e serviços, sendo que, os principais itens produzidos pela região são: feijão, fava, milho, mandioca, batata doce, entre outros. Na pecuária destacam-se as criações bovinas, suínas de caprinos e ovinos, além disso, na indústria se destaca a produção de carvão vegetal. Ainda hoje, esses produtos são advindos da agricultura familiar e de subsistência, com os pequenos produtores vendendo o pouco excedente de sua produção para se manter com suas famílias. Dito isso, se imagina as dificuldades financeiras e a carência pela qual a população ararense passava quando da chegada de Lambert e Leonard, numa época em que não se falava e não se tinha os benefícios sociais existentes na atualidade. No ano de 2015, esse município apresentou PIB (produto interno bruto) de R\$ 84.325.000, gerando assim uma média per capita de R\$ 6.314,12 por habitante.

²⁴ SILVA, Antônio Gregório. **A Cidade, História**. Prefeitura Municipal de Arara - PB, 2017. Disponível em: <<http://www.arara.pb.gov.br/a-cidade/historia.html>> Acesso em 17 de abril de 2018.

²⁵ CIDADE-BRASIL, 2016.

Desse valor, R\$ 3.558.000 foram provenientes da agropecuária; R\$ 3.266.000 da indústria, R\$ 20.497.000 dos serviços e R\$ 3.777.000 dos impostos²⁶.

1.2 POVOAMENTO E PRIMEIROS HABITANTES

O povoamento da teve início na segunda metade do Século XIX. Nessa época o local recebia constantemente a visita de inúmeros tropeiros viajantes, responsáveis pelo transporte de alimentos como farinha de mandioca, carne de sol e rapadura, entre as regiões do Seridó, Curimataú, e do Brejo paraibano. Esses viajantes “usavam como abrigo a sombra formada pelas copas das árvores da família das Baraúnas, abundantes na região nessa época, as árvores ficavam próximas a um riacho, que se situava ao norte do Engenho Porções, nos arredores do Planalto da Borborema”²⁷ depois de alguns quilômetros de cavalgada no local onde hoje se encontra a cidade de Arara.

Assim, com o passar do tempo, esta região se tornou ponto dos encontros e do comércio entre os tropeiros viajantes vindos do Brejo ou da região do Curimataú, onde compravam e negociavam alimentos entre os sertanejos e brejeiros naquela área, que logo passou a ser conhecida como "Baraúnas das Araras"²⁸, devido ao grande número de aves desta espécie que existia no local, e que faziam das baraúnas sua moradia, antes da área ser desmatada a dar início à povoação, com a construção dos primeiros casebres e instalação dos moradores pioneiros, ainda por volta da década de 1860²⁹.

1.3 UMA CIDADE E A PRESENÇA RELIGIOSA

Um nome importante e que não pode deixar de ser citado no processo de formação da vila e posterior cidade de Arara, foi um missionário cearense Padre-Mestre-Doutor José Antônio Maria Ibiapina³⁰, que realizou obras por grande parte do Nordeste, “podendo ser considerado sob alguns aspectos um precursor de Pe. Cicero”³¹. Dessa maneira, vindo do estado

²⁶ IBGE, 2015.

²⁷ SILVA, 2017.

²⁸ Apesar de já em meados do século XX, tanto as árvores como as aves que deram nome ao povoado e posteriormente ao município estarem extintas da região, ambas se tornaram símbolos da cidade, estampados na bandeira e espalhados pela praça principal da cidade.

²⁹ SILVA, 2017; IBGE, 2015.

³⁰ A biografia de Ibiapina foi realizada por Celso Mariz, na obra “Ibiapina, um apóstolo no Nordeste” que contém a vida e a obra do missionário no seu trabalho de caridade pelos sertões em particular e pelo Nordeste em geral.

³¹ PINHEIRO, Paulo Sérgio; et al., O Brasil Republicano. V. 2: sociedades e instituições (1889-1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004, p. 45.

do Ceará, chegou nessa região o um advogado, professor, deputado, chefe de polícia e juiz, que abandonou a carreira, para seguir a vocação do sacerdócio, foi ordenando padre no ano 1853, tornando-se missionário, assim realizando inúmeras missões e se dedicando as obras de caridade, “não se limitando a praticas piedosas e filantrópicas, mas estendendo seu campo de à construção de açudes, estradas e casas de caridade”³² e, assim, contribuindo de forma significativa para o crescimento e o progresso da região do Curimataú, onde hoje se encontra o município de Arara³³. Nessa região Ibiapina fundou, a Casa de Caridade de Santa Fé, que foi instalada no ano de 1866, em um terreno doado pelo Major Antônio José da Cunha por incentivo e pedido de sua devota esposa Cândida Americana Hermógenes de Miranda Cunha³⁴.

O Major Cunha, nascido na zona do Seridó, tornou-se senhor do Engenho Poções, em Areia, cidade localizada a quase 30 quilômetros de Arara, foi Capitão da Guarda Nacional, recebendo dessa instituição o título de Major, após seu falecimento como forma de homenagem. Pode ser considerado também o fundador e um dos principais colaboradores para o povoamento de Arara, onde explorava uma jazida de pedra Calcária que havia descoberto. Ele faleceu no ano de 1881, aos 94 anos, e foi sepultado no cemitério junto a igreja Nossa Senhora da Piedade, mas seus restos mortais posteriormente foram transferidos para o cemitério público de Arara, em meados da década de 1970³⁵.

Além da doação do terreno da Santa Fé, o Major Antônio José da Cunha, também é responsável pela construção da primeira casa na região, além disso, projetou levantar uma capela, hoje Matriz de Arara, dedicada a Nossa Senhora da Piedade³⁶, também a pedido de Dona Cândida Americana, doada em nome da Santa a qual foi dedicada a igreja provavelmente também a pedido, e que hoje é a padroeira da cidade. Visando benefícios para a região assim como próprios, o Major achou conveniente construir a capela próxima a estrada do sertão, pois buscava aproveitar a área para seu comercio, bem como para realização de missas para o povo que percorria por essa estrada³⁷. Enquanto o major reunia materiais para o edifício e construía a igreja, soube do missionário Padre Ibiapina, que se empregava nesses trabalhos, e entre os anos de 1861 e 1862, pregava na cidade de Pilões, município que se encontra a cerca de 26 quilômetros de Arara, onde terminara a “igreja do Sagrado coração de Jesus e tendo

³² Ibidem, p. 46.

³³ CARVALHO, Ernando Luiz Teixeira de. **Ibiapina e Santa Fé nos Desafios do Tempo: Um Manuscrito do Século XIX em Confronto com Outros Textos**. João Pessoa – PB: Ideia. 2015, p. 48.

³⁴ SILVA, 2017.

³⁵ CARVALHO, 2015, p. 38; SILVA, 2017.

³⁶ Em 2018 se comemorou 131 anos de devoção à Nossa Senhora da Piedade em Arara, na que é considerada uma das maiores festas religiosas da região do Brejo e Curimataú.

³⁷ CARVALHO, 2015, p. 24; SILVA, 2017.

conhecimento disso, convidou o Ibiapina para pregar missões em Arara, e concluir a obra da igreja por ele iniciada pelo Major”³⁸.

Após receber a doação do terreno da Santa Fé,

o Padre Ibiapina andou pelo Ceará e Rio Grande do Norte em missão, pregando, fundando e visitando casas de caridade, até retornar a Paraíba em fevereiro de 1866, quando após a Semana Santa, em visita a Santa Casa de Caridade de Areia, encontrou dona Cândida, viúva do Major Cunha, que lhe pediu para que ele retornasse à Santa Fé e preparasse a Casa de Caridade.³⁹

Nota-se que Cândida Americana Hermógenes de Miranda Cunha muito contribuiu para a história da Santa Fé, bem como de Arara, após o falecimento de seu esposo, major Cunha, abandonou todos os seus bens e se dedicou a vida religiosa e as obras de caridade. Foi Irmã Superiora na Casa de Caridade na Santa Fé e faleceu no ano de 1905, em um casebre em frete a igreja Matriz Nossa Senhora da Piedade. Na década de 1970 como forma de homenagem, uma rua secundária do município de Arara recebeu seu nome⁴⁰.

A Casa foi instalada no dia 1º de maio de 1866, alguns anos após sua doação, realizada em 25 de agosto de 1858⁴¹, segundo a escritura pública que foi lavrada em cartório, no município de Bananeiras, cidade histórica situada a cerca de 20 quilômetros de Arara. Na escritura não constam medidas de terra, nem limites para a demarcação, e a propriedade vai além do espaço onde está implantado o Santuário, tendo em vista que “a terra pode chegar a 120 ou mais hectares, além das doações de parte da fazenda com casas, bovinos, asininos e muares para a construção da Casa de Caridade”⁴². Em meados do ano de 1872, entre muitas viagens, o padre Ibiapina retorna a Santa Fé onde resolve fixar moradia e inicia a construção de uma nova Casa de Caridade, nesse tempo realizou a obra do cemitério, e fez inúmeras outras viagens visitando as demais casas de caridade nas regiões próximas. Em meio a essas viagens adoeceu gravemente

retornando à Arara em 1876, paralítico e impossibilitado de realizar novas viagens, permanecendo em Santa Fé até sua morte, em 19 de fevereiro de 1883, data considerada feriado local no município de Arara, quando a cidade e Santa Fé recebem inúmeros romeiros e visitantes de várias regiões, que vem participar da celebração no Santuário em honra a memória do Padre Ibiapina.⁴³

Após a morte do missionário e posteriormente da sua última beata, o prédio da antiga Casa de Caridade, o cemitério, a velha capela da Santa Fé, passaram por um período de

³⁸ CARVALHO, 2015, p. 24.

³⁹ CARVALHO, 2015, p. 40.

⁴⁰ Ibidem, p. 39; SILVA, 2017.

⁴¹ SILVA, 2017.

⁴² CARVALHO, 2015, p. 42.

⁴³ Ibidem., p. 46.

abandono, servindo até de abrigo para animais. Somente com a chegada dos missionários holandeses, da Congregação dos Cônegos Regulares de Latrão, Santa Fé foi retomada para trabalhos sociais e pastorais da igreja. Os padres missionários foram enviados para essa região por Dom José Maria Pires em 1968. Nessa mesma época essa região passou a acolher agricultores expulsos de fazendas das redondezas, que acompanhados por suas famílias puderam fixar morada e plantar seu roçado, trazendo assim mais pessoas para essa região, o que contribuiu para seu crescimento e desenvolvimento⁴⁴.

1.4 LAMBERT E LEONARD: DOIS MISSIONÁRIOS EM ARARA

Junto aos padres missionários que chegaram na Paraíba nessa época, foram designados para Arara, o Padre Lambert de Groot, que havia sido nomeado vigário dessa região, e o ainda então irmão Leonard de Vissers, que também foi ordenado padre no início da década de 1970. Devido à ausência de poder público e mediante a necessidade do povo, transformou a casa paroquial de Arara em hospital e maternidade, contando com mais de 20 leitos⁴⁵. Com vasto conhecimento médico, mesmo sem ser formado na área, recebia diariamente em torno de 30 a 40 pessoas buscando atendimento, muitos vindos de outras cidades e até mesmo de outros estados, muitos desses acabavam ficando e constituindo moradia na cidade.

Esse trabalho de Lambert com o hospital, ou ambulatório popularmente chamado de “Hospital do Padre”, era amplamente conhecido na região, tanto pela população como por seus superiores, que não só conheciam como aprovavam e vangloriavam seu trabalho em Arara. Isso pode ser visto na fala dado por Dom José Maria Pires:

[...] vocês devem respeitar a sabedoria do povo e abrir um crédito de confiança entre os chás e as garrafadas que ele utiliza [...] posso citar um exemplo, aqui mesmo na Paraíba: o do Pe. Lambert. Sem ser médico diplomado, ele dirige um hospital onde faz de tudo um pouco, de clínico a parteiro, sem falar alguma cirurgia de urgência. Veio da África, onde premido pela falta de recursos e de pessoal habilitado, teve de socorrer a muitos doentes. Entre nós, quiseram denuncia-lo por estar exercendo a medicina sem ser diplomado. Desistiram ante o elevado alcance social de sua obra: manter assistência hospitalar para um povo pobre que vive nas imediações de Arara e nos municípios vizinhos é façanha heroica, merecedora de aplausos e não de punição. E já faz dez anos que Pe. Lambert assiste a saúde do povo no humilde hospital e nos sítios da região. Ele tem aprovação de Deus e o reconhecimento dos pobres. Isso lhes basta.⁴⁶

⁴⁴ Ibidem., p. 15 e 16; SILVA, 2017.

⁴⁵ CARVALHO, 2015, p. 66.

⁴⁶ Discurso proferido como paraninfo aos formandos do curso de Ciências da Saúde da Universidade Federal da Paraíba, em 29 de dezembro de 1980. Cf. RIBEIRO, Sampaio Geraldo Lopes (Org.). Dom José Maria Pires: Uma voz fiel à mudança social, 2005, p. 103-104.

A vinda desses missionários, se deu pela busca da arquidiocese da Paraíba, principalmente da pessoa de Dom José Maria Pires, por religiosos que aceitassem assumir o trabalho em cidades pequenas do interior paraibano, especialmente na região aqui estudada, que abarca o brejo e a região do curimataú do estado, onde se localiza o município de Arara. Desse modo, dada a escassez de padres que aceitassem tal missão, uma sobrecarga de paróquias e capelas eram administradas por um mesmo religioso, sendo duas, três e por vezes até quatro regiões sob a administração de determinado padre. Dessa forma, por muitos anos, a administração da Igreja de Nossa Senhora da Piedade, de Arara, foi feita por padres de cidades como Serraria e Pilões⁴⁷.

Essa falta de padres fez com que o arcebispo da arquidiocese da Paraíba Dom José Maria Pires procurasse formas para solucionar esse problema. A solução eleita por ele foi buscar religiosos estrangeiros para tomar a responsabilidade de assumir cidades a anos carentes de religiosos fixos, e mais carentes ainda de condições estruturais e de condições de vida de sua população, como era exatamente o caso da cidade de Arara, nosso objeto de estudo. É nesse contexto que entram em cena Lambert de Groot e Leonard Vissers, os personagens que ajudaram a modificar o panorama da cidade de Arara a partir do final da década de 1960.

Lambert e Leonard chegaram à Paraíba após uma longa missão no continente africano, especificamente na região até então denominada de Zaire, atualmente a República Democrática do Congo. Padre Lambert iniciou seu trabalho no país logo após o fim da Segunda Guerra Mundial, especificamente em 1946. Já o até então irmão Leonard só chega em 1954. Atuaram na ajuda aos mais carente em uma região que convivia numa situação de guerra civil, com mortes, doenças e fome, além de estarem em constantes perigos proporcionados pela guerra. Foi exatamente pelos “perigos aos quais os missionários estavam expostos que o seminário de Gerpennes, na Bélgica, do qual faziam parte, pediu a volta imediata dos cônegos em fins de 1967, tendo o retorno se dado logo no início de 1968”⁴⁸.

O retorno dos religiosos para o seminário na Bélgica conciliou exatamente com a ida de Dom José Maria Pires para um colóquio na Bélgica, onde sabendo da existência desses missionários visitou o seminário para falar da situação em que se encontrava o interior paraibano. Após uma breve conversa, falando da pobreza e das necessidades da população, que

⁴⁷ PEREIRA, 2011, p. 10.

⁴⁸ COMBLIN, José; et. al. **A continuidade dos trabalhos do Padre Ibiapina realizado com os cônegos regulares lateranenses**. 40 anos da Ordem dos cônegos regulares lateranenses: Província francesa – belga – holandesa no Nordeste. Solânea – PB: Canônica Casa de Acolhida MAGNIFICAT, 2009, p. 03-04.

fizeram os religiosos pensar na similaridade do contexto da missão no Zaire, ficou decidido que os religiosos viriam realizar seus trabalhos no Brasil, no interior da Paraíba.

Após uma rápida estadia no estado do Rio de Janeiro para aprender a língua e se adaptar à cultura brasileira, Lambert e Leonard acompanhados de mais três religiosos que fizeram parte dessa primeira missão e trabalharam em cidades vizinhas, chegam à Paraíba em junho de 1968, onde passam a realizar não só o trabalho de evangelização, mas também um trabalho humanitário nesta região que se caracterizava pela pobreza, escassez de recursos e subordinação aos fazendeiros, como será visto de forma mais ampla à frente. Os religiosos permaneceram em Arara e Santa Fé até 1982, quando Leonard assumiu a paróquia de Santo Antônio em Solânea, e até 1991, quando em uma viagem para visitar sua terra natal, Lambert acaba adoecendo e vindo a falecer.

1.5 A EMANCIPAÇÃO POLÍTICA

Quanto ao que tange o ramo político e administrativo do município, além de seu processo de desenvolvimento, é importante tecer algumas informações. Em 1876 no povoado onde atualmente é a cidade de Arara, já existiam cerca de 80 casas e 500 habitantes, anos depois em meados de 1937 e 1938, o povoado foi mencionado na divisão administrativa do Brasil, como distrito do município de Serraria⁴⁹, que se situa a pouco mais de 17 quilômetros dessa região. Até o início da década de 1960, “arara já havia se tornado maior e mais acessível do que Serraria, de quem era distrito, e mesmo assim permanecia ligada sob seu domínio administrativo”⁵⁰. No entanto, pouco tempo depois, Arara foi elevada à categoria de município através da Lei estadual Lei n° 2.602, de 1° de dezembro de 1961, porém sua instalação oficial só veio ocorrer no dia 19 de dezembro do mesmo ano⁵¹, quando então Arara é separada de Serraria e data em que é comemorado o aniversário da cidade, sendo feriado local.

Muitos trabalharam pela emancipação deste município, dentre eles destaca-se a família Cunha Moreno⁵². Logo após sua emancipação política, o município de Arara teve como seu primeiro prefeito, Dedício Pereira Maia, que assumiu o cargo por apenas um ano, assim como determinado no ato de sua nomeação, sendo um período de poucas mudanças. Arara teve sua

⁴⁹ SILVA, 2017.

⁵⁰ PEREIRA, Lidiany Kall Gomes. **Padre Lambert: o religioso, as ações sociais e a militância política na cidade de Arara – PB durante as décadas de 1970-1980**. 2011. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande – PB, 2011, p. 10.

⁵¹ IBGE, 2015.

⁵² SILVA, 2017.

primeira eleição para prefeito no ano de 1962, o candidato eleito foi Marísio da Cunha Moreno, neto do Major Cunha fundador da cidade, e primo do então Governador do estado da Paraíba Pedro Moreno Gondim, tendo usado as influências de seus parentescos como elemento determinante para sua eleição, além do fato de ser de uma proeminente família da região, que ainda funcionava no sistema de trocas de favores, característica elementar da Primeira República que não se destituiu de forma rápida na maior parte do país. Como primeiro prefeito do município, ele e seu vice, Manoel Candido do Nascimento, receberam ao todo 592 votos válidos, ambos pertenciam, ao já extinto partido da União Democrática Nacional⁵³.

Sendo uma figura conhecida e importante, desde a época do antigo distrito, durante seu mandato, Marísio Moreno, tomou algumas medidas administrativas, que não agradaram muito os comerciantes locais da cidade recém emancipada. Dentre elas consta a transferência da feira livre para o local atual, que naquela época era vista como uma região deserta, distante e não muito favorável ao comércio, além disso, houve a proibição de criar animais soltos nas ruas recém calçadas⁵⁴.



Figura 1: Construção do Mercado Municipal de Arara, meados de anos 1960.

Fonte: Arquivo pessoal de Pedro Nunes da Costa

Na imagem acima pode-se ver as obras do mercado público de Arara, que na época foi amplamente criticado pela população, dada a distância que se tinha, na época, com o centro da cidade, o que dificultaria o comércio. No entanto, logo se percebeu a importância da obra, onde

⁵³ Extraído e adaptado da matéria “História de Arara”, RADIO ARARA FM, 87,9 Disponível em: <<http://www.radioararafm.com.br/p/historia-de-arara-pb.html>> Acesso em 25 abril de 2018.

⁵⁴ SILVA, 2017.

se passou a ter um espaço adequado para se comercializar os produtos e se tornar a partir de então e até os dias de hoje um importante espaço de sociabilidade da cidade. Nota-se na imagem que o local ainda não tinha construções em seu entorno, e que ainda não se tinha uma total pavimentação, onde hoje se localizam as Ruas Maria Augustino e Manoel Clementino de Medeiros.

Com isso, percebe-se que essas mesmas medidas, apesar de não agradar grande parte da população do município, ainda eminentemente rural, essas medidas foram de fundamental importância para o desenvolvimento do nascente município, tendo em vista que dava um ar de modernidade, com ruas calçadas que deram um caráter mais urbanístico à cidade, o próprio novo mercado público, construído em seu mandato, que mesmo levantando questionamentos iniciais, foi um passo importante rumo ao desenvolvimento do município. Além disso, “foi em seu mandato se instalou um sistema de iluminação pública, movido por gerador a óleo diesel que funcionava das 18:00h às 23:00h”⁵⁵, permitindo que as pessoas ficassem até mais tarde nas ruas, que o comércio fechasse mais tempo aberto e criando novos lugares, horários e hábitos de sociabilidade.

Na época da chegada dos religiosos holandeses em Arara, Marísio Moreno não estava mais na prefeitura da cidade, mas sua influência junto à população e também sobre os governantes seguintes ainda era um fator importante a se levar em conta, tendo em vista o poder aquisitivo que detinha a família Moreno em Arara, juntamente com as famílias Morais (Zone) e Medeiros, que formavam as três principais famílias à época dos anos iniciais da então recém emancipada cidade de Arara⁵⁶. Com isso, quem tivesse interesse em ter alguma influência ou ter qualquer atividade junto à população, teria que lidar com os membros dessas três famílias principais, seja para fazer alianças ou mesmo criar desavenças.

Outros personagens políticos de destaque do município, além de Marísio da Cunha Moreno, foram os prefeitos Joaquim Pereira de Morais (Joaquim Zone) (1966-1970 e 1973-1977), José Medeiros dos Santos (Zé Bigode) (1977-1983 e 1989-1992) e José Ibiapina Soares do Nascimento (Biruca) (1993-1996 e 2001-2004), todos tendo governado por dois mandatos cada, além José Ernesto dos Santos Sobrinho (Zé Ernesto), que governou em três mandatos (1997-2000, 2005-2008 e 2009-2014) sendo o prefeito que mais vezes governou o município⁵⁷.

Veja a seguir a lista completa dos prefeitos eleitos de Arara, desde os mandatos de 1962-1966 até 2016-2020:

⁵⁵ PEREIRA, 2011, p. 29.

⁵⁶ Ibidem., p. 31.

⁵⁷ SILVA, 2017.

Galeria dos prefeitos de Arara.

Nome	Partido	Período
Marísio da Cunha Moreno	UDN	1962 - 1966
Joaquim Pereira de Moraes	ARENA	1966 - 1970
Reginaldo Azevedo do Nascimento	MDB	1970 - 1973
Joaquim Pereira de Moraes	ARENA	1973 - 1977
José Medeiros dos Santos	MDB	1977 - 1983
Moacir Jerônimo da Costa	PDS	1983 - 1988
José Medeiros dos Santos	PL	1989 - 1992
José Ibiapina Soares do Nascimento	PFL	1993 - 1996
José Ernesto dos Santos Sobrinho	PMDB	1997 - 2000
José Ibiapina Soares do Nascimento	PFL	2001 - 2004
José Ernesto dos Santos Sobrinho	PMDB	2005 - 2008
José Ernesto dos Santos Sobrinho	PMDB	2009 - 2012
Eraldo Fernandes de Azevedo	PSL/PSB	2013 - 2015
José Ailton Pereira da Silva	PSL	2016 - 2020

Tabela 2: Lista de Prefeitos eleitos de Arara

Fonte: Antônio Gregório da Silva

Ao observar a tabela acima, se nota que em 56 anos de emancipação política, apenas nove nomes se alternaram no cargo mais alto do poder executivo municipal, dando ênfase para os últimos vinte e cinco anos, onde apenas quatro nomes diferentes tiveram o cargo de prefeito de Arara. O que importante ressaltar é o fato de famílias proeminentes em Arara nos seus anos iniciais de emancipação como os Moreno, os Moraes e os Medeiros ainda tem grande força de apoio político no município, mesmo sem terem representantes diretos nos poderes legislativos e executivos, se fazem presentes no poder, seja em apoio ou em oposição aos nomes políticos atuais.

Esse panorama mostra um pouco da história e das características do município de Arara e se faz importante para entender as condições em que a cidade se encontrava quando da chegada dos religiosos holandeses aqui observados, mostrando seu desenvolvimento histórico e dando partida para a análise da influência das ações destes no crescimento e desenvolvimento de Arara, como será visto a seguir.

CAPITULO II

LAMBERT E LEONARD: DO INICIO DOS TRABALHOS À PREOCUPAÇÃO COM O ENSINO

2.1 O QUE OS TROUXE PARA ARARA?

Numa época em que a demanda por padres na região do atual nordeste brasileiro se elevava cada vez mais, devido ao crescente número de novas cidades e povoações e aglomerados populacionais, tanto rurais, mas principalmente urbanos, que iam surgindo decorrentes de diversos fatores, como o êxodo rural, e a procura por melhores condições de vida nas cidades nascentes, a oferta desses religiosos se mostrava insuficiente para atender tal demanda⁵⁸. O caso descrito acima, não difere do que se via em Arara no final de década de 1960, quando os cônegos holandeses desembarcaram em terras brasileiras. Como já falado, os padres que serviam na cidade vinham de outras cidades, como Pilões e Serraria, fazendo com que a cidade ficasse por anos carente de uma liderança religiosa efetivamente fixada em solo ararense, tendo em vista que as visitas desses padres aconteciam em raras ocasiões, como nas festividades da padroeira, ou para a realização de batismos e casamentos, o que por consequência, dificultava a criação de laços entre o povo e o vigário.

Como já visto, foi nesse contexto que, sob intermédio e influência direta de Dom José Maria Pires, os caminhos de Lambert e Leonard se cruzaram com a cidade de Arara, após a passagem desses em missão humanitária na África, chegando à cidade após os relatos do arcebispo, imaginando que as condições que encontrariam seriam semelhantes às enfrentadas no Zaire. Dito isso, faz-se interessante observar o depoimento de Maria de Fatima Silva, que conviveu diretamente, por anos, com Padre Lambert:

Eles tavam na África né, só que como tava muito perigoso e tavam matando muitos missionários, aí o convento deles mandou chamar eles de volta, pegar eles de volta, eles tava muito praticamente pra morrer, se não viesse simhora os caras matava eles né [...] então quando eles chegaram na Bélgica, no mesmo tempo que eles voltaram pra Bélgica, Dom José Maria Pires tava na Bélgica atrás de padre, porque aqui não tinha padre, no nordeste tava faltando padre [...] era pouquíssimo padre mesmo que tinha.⁵⁹

Como dito anteriormente, Dom José Maria Pires havia viajado para a Bélgica para um colóquio em Louvaina, e lá, sabendo da existência de um grupo de missionários, pertencentes

⁵⁸ PEREIRA, 2011.

⁵⁹ SILVA, Maria de Fatima. Entrevista concedida ao autor em 15 de abril de 2018.

à Ordem dos Cônegos Regulares Lateranenses de Santo Agostinho⁶⁰, aproveitou a estadia para recrutar religiosos que pudessem suprir a lacuna de religiosos em sua arquidiocese. A partir daqui os relatos e registros convergem quanto a iniciativa da vinda, se foi um pedido do arcebispo ou se os cônegos se ofereceram. Segundo o Padre José Floren, missionário belga da mesma congregação a qual pertenciam Lambert e Leonard, e que conviveu e trabalhou com ambos, a iniciativa só se deu mediante convite prévio do arcebispo. Vejamos:

Eu e outros colegas, nós chegamos aqui a convite dos bispos, era o tempo do concílio Vaticano II lá em Roma, e Dom José Maria Pires, arcebispo, naquele tempo aqui era da arquidiocese, visitou o seminário lá na Bélgica e fez o convite ao seminaristas daquela época para se colocar alguns anos a serviço, disponíveis para a igreja aqui no Brasil, foi assim que chegamos aqui.⁶¹

Já segundo o próprio Dom José Maria Pires, a iniciativa partiu dos próprios cônegos, cabendo a ele apenas algumas exigências para aceitar o pedido:

Foi da parte deles, eles trabalhavam na África, foram expulsos da África, estavam na Holanda sem destinação. Enfim... eles que pediram para vim para minha para arquidiocese. Então eu exigir que eles fizessem um curso no Rio de preparação. Eles fizeram o curso no Rio e foram depois para a Paraíba.⁶²

De um modo ou de outro, seja lá de quem partiu a iniciativa para que os cônegos desembarcassem no Brasil, o que realmente importa é que vieram para a Paraíba cinco religiosos holandeses, todos membros da Ordem dos Cônegos Regulares Lateranenses: Lambert de Groot, Matheus Hoefnagels e Conrado Wijnands, já como sacerdotes; e dois irmãos Leonard Theodoro Vissers e Martinho Van Doome⁶³.

2.2 A CHEGADA E OS PRIMEIROS TRABALHOS

Chegaram no Brasil no dia 03 de fevereiro de 1968, mas não vieram diretamente para a Paraíba, tendo em vista que teriam que cumprir o pedido de Dom José Maria Pires, então “chegando aqui eles ficaram no Rio de Janeiro para fazer um curso, mas não era só pra aprender a língua não, era pra aprender a história, a cultura a literatura, os costumes, era um curso muito completo em conteúdo”.⁶⁴

⁶⁰ Ordem de religiosos caracterizados pelo apego ao povo e à comunidade onde atuam, conhecidos pela caridade, organização, vivência em comunidade, trabalho pastoral, educação de crianças etc. Atuam em países da África Centra, Europa e América Latina. No Brasil em São Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Rio Grande do Sul e Paraíba

⁶¹ FLOREN, José. Entrevista concedida ao autor em 28 de abril de 2018.

⁶² PIRES, 2011, Apud PEREIRA, 2011.

⁶³ COMBLIN; et al., 2009.

⁶⁴ FLOREN, José. Entrevista concedida ao autor em 28 de abril de 2018.

Terminado o curso, realizado na cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, “chegaram ao estado da Paraíba no dia 18 de junho de 1968 na cidade de Serraria. O grupo se instalou na casa paroquial. O arcebispo Dom José Maria Pires entregou a eles, como centro de ação apostólica, um lugar chamado Arara”⁶⁵. A ideia inicial era manter os religiosos juntos, todos em um mesmo centro para desse centro poder atender as cidades, sempre juntos. No entanto esse plano inicial teve que ser alterado pela carência de religiosos na região, acabando por serem distribuídos e separados em diferentes cidades da região.

Assim, Floren ainda mostra outras razões para essa distribuição dos religiosos holandeses:

No começo a ideia era de que todos morassem em Santa Fé, e a partir daqui atendessem as outras paróquias, mas por causa da distância e do estado das estradas e os transportes, estão foram morar lá, cada um na cidade que assumiu, então para ficar mais perto do povo um foi morar em Pilões, o outro em Serraria, mas a ideia inicial era ficar todos juntos e atender daqui (Santa Fé) as paróquias. Mas Pilões e Serraria também queriam esse orgulho, eles queriam o padre deles lá na cidade deles.⁶⁶

Desse modo, os religiosos holandeses foram divididos em três cidades vizinhas: o padre Lambert de Groot, irmão Leonard Theodoro Vissers e o irmão Martinho Van Doome, dirigem-se para Arara, onde ficariam responsáveis pela Igreja de Nossa Senhora da Piedade e pelo distrito de Santa Fé. O padre Matheus Hoefnagels foi designado ao município de Pilões, onde iniciou o seu serviço pastoral na paróquia Sagrado Coração de Jesus, que fica a uns 20 km de Arara. E o padre Conrado Wijnands ficou encarregado da paróquia do Sagrado Coração de Jesus em Serraria⁶⁷.

Finalmente, chegaram em Arara no dia 29 de junho de 1968, dia das comemorações de São Pedro e São Paulo. Sem tempo a perder, já iniciaram os trabalhos, e nos primeiros dias em solo ararense já haviam implantado algumas mudanças e novidades. Dos religiosos que chegaram em Arara, apenas Lambert já era ordenado padre, então ele era o responsável principal pela igreja e por Santa Fé, sendo irmão Leonard e irmão Martinho seus auxiliares, além de ser ele o Prior da missão dos cônegos, ou seja, era o líder entre os missionários lateranenses na Paraíba, tendo que todos os demais lhe conferir lealdade e obediência. Leonard e Martinho foram para Santa Fé, tendo lá focado seus trabalhos, enquanto Lambert ficou em Arara, mas também supervisionava o trabalho dos irmãos. No entanto, meses depois da

⁶⁵ COMBLIN; et al., 2009, p. 05.

⁶⁶ FLOREN, José. Entrevista concedida ao autor em 28 de abril de 2018.

⁶⁷ COMBLIN; et al., 2009, p. 06.

chegada, Martinho abandonou a vida religiosa e voltou para o seu país de origem, a Holanda, e poder se casar com uma moça de Arara, chamada Ana, irmã do futuro prefeito Biruca.⁶⁸

Assim, dias após sua chegada Pe. Lambert já iniciou seus trabalhos com a realização dos primeiros batismos⁶⁹ e casamentos⁷⁰. A principal mudança no cotidiano da cidade de Arara com a chegada dos religiosos holandeses, num primeiro momento principalmente por Padre Lambert, foram as missas diárias que o mesmo celebrava. Como falado anteriormente, pela falta de padres para atender a todas as comunidades, um mesmo religioso ficava responsável por até quatro cidades, e assim uma cidade poderia ficar semanas sem a visita de um padre e até meses sem que se celebrasse uma missa sequer. Era exatamente essa a situação em que se encontrava Arara antes da chegada dos cônegos lateranenses. Imaginamos como era pra uma cidade recém emancipada não ter uma figura religiosa fixa e que se dedicasse somente a ela, num contexto de um povo crente e carente de um líder religioso, tendo em vista a importância que a figura do padre detém no imaginário popular, principalmente nas cidades de pequeno porte e com sentimento de identidade ainda em formação, como era o caso de Arara.

Desse modo, a simples presença cotidiana dos religiosos no espaço citadino já se fazia como uma considerável novidade para o povo, que já podiam vislumbrar mudanças mais significativas na sua realidade, como afirma Floren:

Quando chegaram aqui, o povo de Arara se sentiram assim, valorizados, porque depois de Ibiapina, houve ainda o cônego Monsenhor José Paulino, que viveu aqui em Santa Fé até os anos 1930 mais ou menos, ai depois não houve mais presença de nenhum padre residindo aqui, então Arara e Santa Fé eram atendidas pelos padres de Serraria e Pilões... então aqui só voltou a ter padre quando os holandeses vieram morar aqui, então foi uma valorização e progresso, porque agora tinha padre, era o centro de uma comunidade de padres.⁷¹

Além disso, as próprias missas diárias, mesmo tendo curta duração, uma vez que tinha início pontualmente às 19h00 e terminando sempre as 19h30, significaram importante modificação no dia a dia da população ararense, uma vez que se antes tinham que esperar meses para a celebração de uma missa, a partir desse momento as missas viraram uma opção de certo lazer para a população.

As primeiras obras estruturais custaram pouco mais a acontecer, questão de poucos meses, tendo em vista o necessário processo de adaptação dos religiosos a um ambiente totalmente novo. Sobre isso, o próprio Padre Lambert relata que

⁶⁸ SILVA, 2017.

⁶⁹ Conforme Livro de Batismo, nº 01 de 1968.

⁷⁰ Conforme Livro de Casamento, nº 01 de 1968.

⁷¹ FLOREN, José. Entrevista concedida ao autor em 28 de abril de 2018.

[...] os primeiros meses serviram para nossa instalação, adaptação e também para aperfeiçoar-nos na língua portuguesa. Também terminamos a construção do prédio do cinema que o padre Hidelbrando Rodrigues tinha iniciado, a inauguração teve lugar no fim do mês de novembro de 1968.⁷²

Com a inauguração do prédio do cinema (Figura 2) citado, começou-se a dar mais opções de lazer para a população, principalmente para os jovens, que numa cidade pequena, pobre e voltada, quase que totalmente, para a agricultura, pequena e de subsistência ou como empregados dos senhores fazendeiros detentores de grande parte das terras.



Figura 2: Da esquerda para a direita, prédio do cinema e centro social; prédio da Casa de Saúde; lateral da Matriz Nossa Senhora da Piedade. Foto do início dos anos 1980
Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Fátima Santos

Na imagem acima, pode-se observar dois dos importantes trabalhos implementados por Lambert em Arara. No canto esquerdo aparece o prédio citado acima onde funcionava o cinema, onde eram exibidos variados obras cinematográficas aos fins de semana, cobrando-se um valor ínfimo comparado aos gastos que o trabalho acarretava, no intuito de oferecer uma opção de lazer à população ararense, em especial aos jovens da cidade, além do centro social, que passou a funcionar no primeiro andar desse prédio. O prédio localizado no centro da imagem é o tão famoso e importante ambulatório chefiado por Lambert, onde atendia de trinta a quarenta pessoas por dia, tanto de Arara como de regiões circunvizinhas, e onde, aos fundos, funcionava também a maternidade, onde as crianças ararenses passaram a nascer, com maiores cuidados tanto para as mães como para os recém-nascidos. No próximo capítulo serão aprofundadas além

⁷² Livro de Crônicas, const. nº 118 Apud PEREIRA, 2011, p. 13.

do trabalho no hospital também outras obras materiais construídas pelos religiosos, como o projeto de construção de moradias para a população carente do município de Arara.

Focalizando por ora no prédio do cinema, embora se saiba que a dificuldade para a arrecadação de recursos para a igreja era grande no início de seu trabalho, um espaço dessa proporção poderia ser uma importante fonte de arrecadação, não era esse o objetivo primeiro do cinema, e sim dar mais uma opção de lazer para a população. Assim, Silva afirma que:

O objetivo deles com o cinema não era renda, a pessoa pagava bem pouquinho, no sábado e domingo tinha filme, eu lembro que a gente ia, todo mundo, principalmente os jovens, o salão era cheio, eles fizeram isso, compraram a máquina tudo e as coisas, era mais no intuito de ter o lazer pra o povo, eles ia buscar os filmes bem em Campina Grande, aí era nos fim de semana, sábado e domingo, e era cheio sempre lotava, porque não tinha nada, não tinha nada na cidade de lazer, aí era bom demais.⁷³

Imagina-se o fascínio que o cinema causou na população ararense, uma cidade recém emancipada, que mal tinha rádio e muito menos televisão, as projeções cinematográficas certamente provocavam o encantamento dos ararenses, que “nunca tinha visto uma coisa daquela por aqui”⁷⁴.

Esse prédio, onde funcionava o cinema foi, pode-se dizer, o pontapé inicial nas obras estruturais desenvolvidas pelos religiosos em Arara. O mesmo também foi utilizado

Meses mais tarde como um Centro Social para reuniões e confraternizações. Construiu-se também ao fundo do mesmo uma pequena sala onde funcionavam cursos de corte e costura, bordado e culinária para mulheres e jovens carentes. Posteriormente também ergueu um 1º andar onde funcionava uma sala de alfabetização de crianças carentes.⁷⁵

Assim, aos poucos, começava-se a transformar o cotidiano da cidade de Arara e as condições de vida e de oportunidades de crescimento da população ararense. A preocupação dos religiosos se voltava principalmente para as camadas mais desfavorecidas da sociedade, muito pelos princípios da formação que tiveram no seminário e da ordem que pertenciam, que esta Ordem adota os pressupostos da Regra de Santo Agostinho de viverem em comunidade a serviço de uma Igreja católica local, cuja principal característica é o comprometimento com os pobres e oprimidos. Os clérigos regulares têm uma religiosidade que coloca em evidência a “doação para com o *outro*, cuja atuação é voltada preferencialmente aos que são socialmente marginalizados, relacionando as atividades pastorais ao compromisso social”⁷⁶.

⁷³ SILVA, Maria de Fatima. Entrevista concedida ao autor em 15 de abril de 2018.

⁷⁴ Ibidem.

⁷⁵ PEREIRA, 2011, p. 43.

⁷⁶ Ibidem., p. 18.

Além dos princípios da ordem lateranenses, Lambert e Leonard estavam inseridos também em outra vertente religiosa, a Teologia da Libertação, que estava cada vez mais em evidência nas décadas de 60 e 70 do século XX, principalmente na América Latina. Nesse sentido, a novidade é que a oração pelos membros da Teologia da Libertação ganha caráter de ação⁷⁷. Nesse sentido, institui-se uma característica da Ordem a partir de uma prática de solidariedade política, em que os eclesiásticos são conduzidos a se empenharem através da ação pastoral, para amenizar problemas socioeconômicos que afligem a sociedade, em especial os menos favorecidos.

Desse modo, a tendência foi que os religiosos deixassem seus lugares sociais instituídos, como superiores, e passassem a se inserir no cotidiano da população pobre da cidade, deixando o topo da pirâmide vertical para compor a sua juntamente com o povo. Nesse contexto, o que se deu em Arara foi uma inversão do panorama, em que ao invés do povo ir até a Igreja, era a igreja que ia ao encontro do povo. Sobre isso, Padre Gaspar Rafael Nunes da Costa, que conviveu com os religiosos e por influência principalmente de Padre Lambert ingressou na vida sacerdotal, relata que:

A igreja tinha duas linhas, uma mais conservadora e uma mais ligada à Teologia da Libertação, mais popular né, então, Dom José Mara Pires é fruto de uma caminhada de Dom Elder...a igreja tendo essas duas linhas, tem bispos e padres que se identificava mais com os ricos, com os poderosos, mas aqueles padres que viam a opção de Jesus pelos pobres, vestia essa camisa, vivia o evangelho, então Lambert e os outros religiosos holandeses que vieram com um jeito diferente, eram padres de oração, de muita missa, sacramentos, mas também eram padres de muita ação, Lambert por exemplo, se misturava no meio do povo... então esse jeito dos holandeses que já vinha de um estilo de igreja missionária, vinha de uma região de missão, então eles foram se adaptando aqui não mais na casa grande, mas se misturava no meio do povo, e se infiltrava falando de Jesus e do povo e dizendo que eles, os pobres, tinham meios de sobreviver sem estar subjugado aos ricos.⁷⁸

Estando já instalados e adaptados ao contexto da cidade, os religiosos iniciam de vez seus trabalhos em prol do crescimento da cidade de Arara, prioritariamente um trabalho voltado aos pobres, que formavam a esmagadora maioria da população ararense, mas que estavam à margem da concentração de renda, que ficavam nas mãos de uns poucos proprietários de terras, principalmente o Senhor Marísio Moreno, importante figura política da cidade e que, de certa forma, via os religiosos como uma espécie de adversários, mesmo se tendo em evidência que Leonard e Lambert não se envolveram diretamente no ramo político.

Outra questão que os cônegos ficaram responsáveis logo que chegaram em terras ararenses foi a retomada da propriedade de Santa Fé. As terras, de uma extensão de

⁷⁷ Ibidem., p. 33.

⁷⁸ NUNES, Gaspar Rafael. Entrevista concedida ao autor em 25 de abril de 2018.

aproximadamente 120 hectares, haviam sido doadas para o missionário Padre Ibiapina por dona Cândida Americana Miranda Cunha, viúva do Major Antônio da Cunha, figura importante no processo de fundação do povoado que veio se tornar a cidade de Arara. No entanto, as terras estavam abandonadas desde a morte de Ibiapina, ficando arrendadas a Marísio Moreno, neto do Major Antônio da Cunha. Dessa forma, reaver Santa Fé não seria fácil, pois a Igreja não tinha a escritura da propriedade e o posseiro não reconhecia a doação feita por Cândida Americana. Nesse contexto, entra em cena a união entre os religiosos e o povo, dessa vez representados por líderes sindicais com grande influência sob a população e pertencentes ao grupo chamado de Congregação Mariana ou Marianos⁷⁹.

Entre esses, se destacou Manoel Ferreira dos Santos ⁸⁰também conhecido como Manuel Pompeu. Juntamente com irmão Leonard, e com a autorização prévia de Dom José Maria Pires e do Prior da missão, padre Lambert, foram aos cartórios das cidades circunvizinhas em busca do registro da doação das terras, finalmente encontrando-o na cidade de Areia. Após conseguirem o documento, registraram a propriedade no cartório de Bananeiras-PB. Com a efetiva escritura das terras em nome da Arquidiocese da Paraíba, dirigiram-se a Marísio Moreno, que, por conta disso, teve de reconhecer a perda do domínio sobre a propriedade⁸¹. Sobre a recuperação de Santa Fé, Padre José Floren relata:

Eu sei que pra retomar entrou na justiça, eu sei que nós temos a escritura original que foi feita no cartório de Bananeiras em mil oitocentos e cinquenta e tantos, mas nós também temos texto que foi publicado no livro de Celso Mariz⁸². Celso Mariz escreve o livro dele em 1942, então no livro ele colocou a cópia do jeito que estava naquele tempo, na integra, nós temos o texto, então isso foi a base, a base de que tiveram nas mãos foi isso, até hoje não tem outro documento, a escritura foi feita a partir disso.⁸³

Em resumo, a retomada da propriedade de Santa Fé apenas foi possível pela intervenção dos cônegos em relação ao patrimônio da Igreja. Com a administração de Pe. Lamberto, que agora passava a ser responsável pela paróquia e pelas terras, e o auxílio do irmão Leonardo (assim eram popularmente chamados) Santa Fé deixou de ser monopolizada por uma família. Em contrapartida, ficou sob o domínio da Diocese, mas, ao contrário do outrora posseiro que

⁷⁹ Grupo de agricultores religiosos que prestavam assistência à população através da arrecadação e distribuição de alimentos, lutando também pelos direitos dos agricultores. A partir das reuniões desse grupo tem início a formação de sindicatos nas cidades da região, inclusive em Arara.

⁸⁰ Agricultor, integrante do grupo mariano e líder sindical, sendo por anos presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Arara.

⁸¹ COMBLIN; et. al. 2009, 12.

⁸² Historiador responsável pela elaboração da Biografia de Padre Ibiapina, intitulada “Padre Ibiapina, um apóstolo do Nordeste”.

⁸³ FLOREN, José. Entrevista concedida ao autor em 28 de abril de 2018.

monopolizou a propriedade, os holandeses comungaram com os interesses camponeses de distribuição da terra.

A retomada da posse de Santa Fé pela arquidiocese coincidiu com o período de pavimentação das estradas que ligam a região do brejo e curimataú aos principais centros do estado, construção do chamado Anel do Brejo. Desse modo, “quando passou o asfalto aqui que liga a Solânea e a Remígio (Anel do Brejo), a Camargo Correia indenizou porque o asfalto cortou as terras de Santa Fé”⁸⁴ que agora era de posse da Igreja, sendo assim indenizada pela construtora. Com o dinheiro da indenização das terras tomadas para a construção da rodovia, mais ou menos sete hectares, foi comprado um sítio que foi chamado de Riacho da Extrema, e desta propriedade, foi retirada uma fração de pouco mais de cinco hectares, que ficaram à disposição da comunidade ararense, servindo principalmente para o uso como roçado comunitário⁸⁵.

Por esta época, no ano de 1970, houve uma grande seca na região e os donos das fazendas mandaram embora muitos funcionários, os ricos fazendeiros de arara e Solânea expulsaram de suas terras os pobres camponeses, apossando-se de suas propriedades e também das terras da igreja. Não tendo para onde ir, muitos foram para as ruas. Sindicato se encarregou de descobrir quais as pessoas que estavam mais precisando de ajuda nesse setor. Assim, inicialmente foram selecionadas setenta famílias, que receberiam uma porção de terra, cada uma, para trabalhar e morar⁸⁶.

Após selecionar algumas famílias, compraram cabras para produção de leite, adquiriram um gerador de eletricidade e uma bomba d’água para limpar e irrigar a plantação com a água proveniente do açude que havia sido construído em sistema de mutirão junto à comunidade para amenizar os problemas causados pela escassez de água. Ainda foram comprados dois tratores (figura 3), um novo e outro de segunda mão, utilizados na construção do açude citado acima a para arar as terras da população, que não tinham condições de pagar e muito menos contavam com o apoio do governo. Eram utilizados também no transporte de água para a população ararense em períodos de seca prolongada.

Na imagem abaixo, padre Lambert posa ao lado de um dos dois tratores comprados para atender as necessidades da comunidade ararense. Ao fundo, pode-se observar o chamado casarão de Santa Fé, onde Leonard realizava as aulas dos cursos profissionalizantes que serão vistos mais a frente. Esse trator foi de grande auxílio nas obras realizadas pelos religiosos, uma

⁸⁴ NUNES, Gaspar Rafael. Entrevista concedida ao autor em 25 de abril de 2018.

⁸⁵ COMBLIN; et al., 2009, p. 06.

⁸⁶ Ibidem, p. 09.

vez que auxiliava e facilitava na aragem das terras, acelerando esse processo que antes era feito por força de tração animal ou mesmo à braço, com a força humana dos trabalhadores, formas muito mais demoradas e exaustivas. Além disso, foi utilizado na construção de reservatórios de água, como o açude se Santa Fé. Era usado também no transporte de água para a comunidade em períodos de secas prolongadas.



Figura 3: Padre Lambert ao lado de um dos tratores comprados para atender a comunidade.
Foto do início da década de 1970. Fonte: Arquivo pessoal do Padre José Floren.

Além disso, separaram uma parte da terra para servir como um roçado comunitário, em que todos seriam responsáveis pela produção. O projeto envolvia a realização de um roçado comunitário, cuja safra seria para iniciar uma cooperativa. O projeto forneceria e garantiria anualmente os principais alimentos de subsistência para a comunidade, principalmente feijão e farinha. Esse projeto não objetivava o lucro, mas o desenvolvimento da atividade de subsistência, se plantado o que seria consumido.

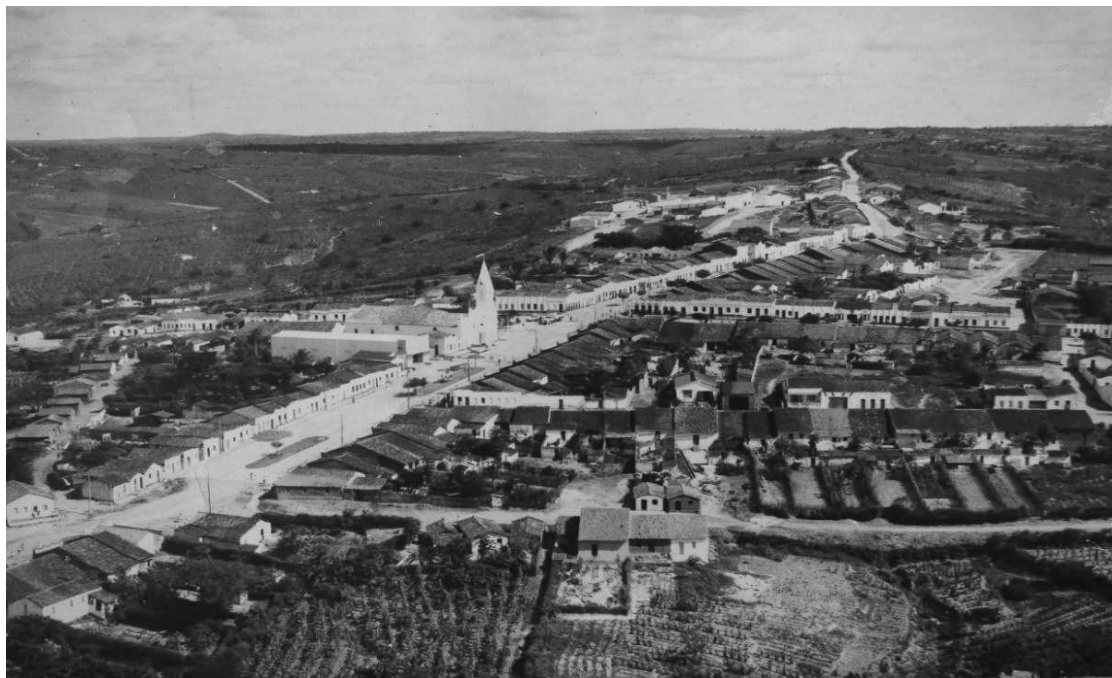


Figura 4: Vista panorâmica de Arara no início da década de 1970
Fonte: Arquivo pessoal de Pedro Nunes da Costa

Observando a imagem acima, em seu canto inferior direito, pode-se notar o local onde se constituiu o citado roçado comunitário. Pode ser observado também a constituição urbana de Arara na época em que os cônegos chegaram à região. Nota-se que a cidade tem estrutura urbana pequena, focalizando a maior parte das casas em seu centro, onde a maior parte das residências se localizam perto da igreja. Faz-se importante salientar que o roçado comunitário abrangia uma área maior do que a que se pode observar na imagem, tendo em vista a quantidade de famílias que atendia e que cada uma recebia uma fração da terra para si e ainda ficavam encarregadas de trabalhar na parte da terra comum a todos.

2.3 A ESCOLA PROFISSIONALIZANTE

Em Santa Fé, também se desenvolveu um projeto de uma escola técnica que visava ensinar um ofício aos jovens, e assim poder tirá-los do ócio, dando a oportunidade de ganhar a vida por um meio além da agricultura. Esse projeto tinha envolvimento pessoal principalmente do irmão Leonard, sendo ele o mentor, organizador, diretor e professor da escola. Assim, realizou-se uma grande reforma no casarão já existente em Santa Fé, separando alas onde os cursos seriam ministrados. Já no início de 1970, a “Escola Técnica de Santa Fé” inicia seus trabalhos com 40 alunos na seção de carpintaria e 35 para mecânica. Os recursos para poder abrir essa escola foram provenientes do exterior, principalmente da Holanda, vindo de

familiares e amigos, e da Bélgica, do seminário de Gerpennes que destinava verbas para as missões. Com esses recursos, foi possível comprar o material e as ferramentas necessárias para as aulas, e manter a gratuidade dos cursos, já que se voltavam à população pobre da cidade, que não teria condições de financiar suas aulas⁸⁷.

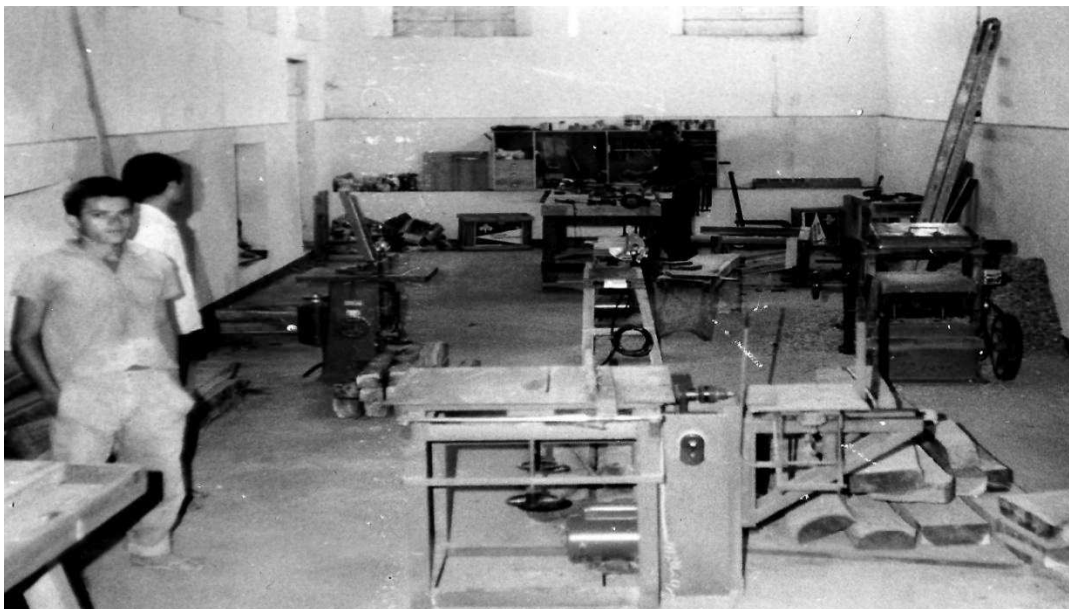


Figura 5: Ala das aulas de marcenaria e mecanica da escola profissionalizante de Santa Fé, início dos anos 1970. Fonte: Arquivo pessoal de Padre José Floren



Figura 6: Padre (na época irmão) Leonard com as ferramentas de trabalho e aulas da escola profissionalizante de Santa Fé, início dos anos 1970.
Fonte: Arquivo pessoal do Padre José Floren.

⁸⁷ Ibidem, p. 07.

Nas imagens acima é possível ver os equipamentos, materiais e ferramentas disponibilizados ao então irmão Leonard e aos seus alunos. Na figura 5, vê-se 2 dos alunos da ala de marcenaria e mecânica juntos aos equipamentos e materiais utilizados nas aulas ministradas por Leonard. Observe que a quantidade de equipamentos é considerável se levarmos em conta a carência em que a cidade se encontrava e os escassos recursos disponíveis para a realização desse trabalho. Com isso imaginamos a novidade causada no imaginário popular, e especialmente entre os jovens rapazes ararenses da época, em ter uma opção de aprender um ofício que não fosse a agricultura. Na figura 6, Leonard, ainda jovem, posa junto às ferramentas utilizadas nas aulas na ala de marcenaria e mecânica, onde é possível observar também a variedade de ferramentas disponíveis para alunos nas aulas e para a realização de trabalhos com madeira.

Embora o projeto profissionalizante inicial se voltasse a cursos de mecânica, marcenaria e carpintaria, logo também implementaram aulas de pedreiro e pintor. Nos anos seguintes, a escola técnica foi ampliada com a implantação do centro social, onde seriam dadas aulas de corte e costura, bordado e arte culinária⁸⁸. Na imagem abaixo observa-se alguns dos variados tipos de trabalhos realizados nessa ala da escola que se voltava para as especialmente para as mulheres, principalmente as moças da cidade.



Figura 7: Trabalhos de corte e costura e bordado feitos pelas alunas do centro social, final da década de 1970. Fonte: Arquivo pessoal de Padre José Floren

No ano de 1972 os religiosos conseguiram, com a ajuda da arquidiocese, cinco máquinas de escrever e assim puderam iniciar também aulas de datilografia, que significava um grande

⁸⁸ Ibidem, p. 08.

avanço para a cidade e para os alunos na época, já que nesse período “quem tinha curso de datilografia naquele tempo era emprego certo em qualquer canto”⁸⁹.



Figura 8: Alunos do curso de datilografia implementado pelos cônegos, início dos anos 1970.
Fonte: Arquivo pessoal do Padre José Floren.

A imagem acima mostra a ala das aulas de datilografia, com as cinco máquinas citadas, cada uma com um aluno do curso. É possível notar a simplicidade dos estudantes e com isso imaginar a importância que esse curso trouxe para suas vidas, já que, como dito acima, na época quem tivesse curso de datilografia teria mais facilidade em adentrar no mercado de trabalho em várias partes do país, com melhores salários e oportunidades.

A escola durou enquanto Leonard permaneceu em Santa Fé, já que “foi ordenado padre por Dom José Maria Pires em 1972 e dez anos mais tarde é designado para assumir a paróquia de Santo Antônio de Pádua em Solânea”⁹⁰. Assim, o auge da escola se deu de 1972 até 1980, já que quando da saída de padre Leonard, já se passava por maiores dificuldades financeiras, que vinham prejudicando o andamento das aulas. Em seu auge, a escola contou com os cursos de carpintaria, marcenaria, serralharia, cursos de pedreiro e pintor, datilografia, corte e costura, arte culinária, bordado, além de primeiras letras para crianças e alfabetização para jovens e adultos.

Podemos observar na figura abaixo a estrutura da sala de aula para a alfabetização, que era voltada para adultos, mas também era utilizada para a alfabetização de crianças. Ao fundo é possível notar padre Lambert, que como Prior da missão no Brasil supervisionava todos os

⁸⁹ SILVA, Maria de Fatima. Entrevista concedida ao autor em 15 de abril de 2018.

⁹⁰ COMBLIN; et al., 2009, p 17.

trabalhos realizados pelos demais cônegos. Observe que a estrutura da sala de aula é de um modo geral muito boa, tendo em vista que não contavam com ajudas governamentais, e seus trabalhos se davam por conta recursos próprios e outros advindos do exterior. Acomodando por volta de vinte e cinco à trinta alunos por aula, imagina-se o quão importante se fizeram espaços como esses na alfabetização tanto de crianças carentes e principalmente de jovens e adultos que não tiveram as condições adequadas de serem alfabetizados quando crianças.



Figura 9: Centro de alfabetização de crianças e adultos em Arara, início dos anos 1980.
Fonte: Arquivo pessoal do Padre José Floren

No que tange aos métodos de alfabetização formulados pelos religiosos, o relato de Padre Zé Floren se mostra muito importante, dizendo que

Até a maneira de alfabetizar, na alfabetização para os adultos, então palavra-chave, eu me lembro porque era assim, então a palavra casa, então não era boneca coisas assim de criança não, era casa, então a discussão com o professor que estava era quem tem casa, quem não tem casa, porque tem casa, porque não tem casa, então através da alfabetização também orientar como funciona a sociedade, então não tem casa porque é preguiçoso ou porque não tem casa, porque o outro tem uma casa bonita? Porque ele trabalha mais? Então tudo isso era dentro da alfabetização, então era uma educação dentro do contexto da vida daqueles que estavam ali presentes, os alunos. Então tanto aprendiam a ler e a escrever como também a ver a ter uma visão da sociedade ⁹¹

Essa alfabetização, essa forma não engessada de alfabetizar, possibilitou uma compreensão de mundo, uma maior absorção das condições da sociedade em que estavam inseridos, a criticidade e os questionamentos das diferenças sociais, incentivando os alunos moradores a passar a lutar por seus direitos, agora conscientes de seus direitos e deveres e principalmente com o apoio do sindicato e dos cônegos lateranenses.

⁹¹ FLOREN, José. Entrevista concedida ao autor em 28 de abril de 2018.

CAPITULO III

LAMBERT E LEONARD: DA PREOCUPAÇÃO COM AS MORADIAS E COM A SAÚDE AO IMAGINÁRIO POPULAR SOBRE OS RELIGIOSOS

3.1 “CASA DE TIJOLO”

Outro trabalho em que os Padres Lambert e Leonard se empenharam no período em que estiveram em Santa Fé, foi a construção de moradias para a população. Assim, com a ajuda de um voluntário belga que chegou à região a convite de Padre Zé Floren, de nome Jan, que ficou conhecido pelo apelido de João Coqueiro, os religiosos iniciaram um projeto de construções de casas populares destinadas aos mais carentes. Além de montarem uma oficina, começaram uma produção de tijolos, os conhecidos “tijolos do padre”, que, diferentemente dos habituais tijolos de barro, que passava por um processo de queima, esses eram “crus” feitos de cimento. Aos que podiam comprar, os tijolos eram vendidos com a condição de pagarem mensalmente uma quantia fixa e ínfima ao longo de vários anos. Mas na maior parte dos casos, como a população era carente e não tinha condições de pagar, os tijolos eram recebidos como doação.⁹²

Eram doados não só os tijolos, mas também o cimento, o pedreiro, e todo o material necessário para a construção da casa, cabendo ao beneficiado apenas a mão de obra como auxiliar do pedreiro, de servente, além de se comprometer a trabalhar no roçado comunitário. Além do terreno, dos tijolos, do cimento e de todo material para construção da casa, os cônegos cediam também os próprios alunos da escola técnica, na qualidade de aprendizes, acompanhados sempre das orientações de Irmão Leonardo e João Coqueiro. Desse modo, esse projeto possibilitou que diversas famílias passassem a ter uma moradia própria, como também um lugar para trabalhar, sem mais depender dos desmandos dos grandes fazendeiros proprietários de terras. Além disso, com essas construções, se possibilitou o treinamento efetivo dos alunos da escola técnica, e a utilização dos materiais confeccionados por eles⁹³.

Graças ao projeto de construção de moradias para a população carente de Arara, grande parte das casas das Ruas Manoel Firmino de Medeiros, Balbino de Alexandre e Nossa Senhora da Piedade, Cândida Americana, entre outras, casas nas demais ruas periféricas da cidade, são frutos do projeto organizado pelo Padre Lambert e Padre Leonardo. Sem falar nas moradias

⁹² PEREIRA, 2011; COMBLIN; et al., 2009.

⁹³ PEREIRA, 2011; SILVA, 2017.

de Santa Fé, onde pelo menos as mais antigas, feitas entre a década de 1970 e meados da década de 1980, foram por obra total ou parcial dos cônegos lateranenses que serviram nessa região⁹⁴.

Esse projeto não beneficiou apenas a construção de casas aos desabrigados, mas também para as reformas das moradias, tendo em vista que as casas, em sua grande maioria eram muito humildes feitas de pau a pique, como relata Fátima Silva: “as casas que tinha aqui antes deles era bem pouquinha, essas casas que não são do centro e que tinha, era tudo de pau-a-pique, de barro né, que chamava casa de taipa, com a cozinha era até feita de gravatá, era uma pobreza muito grande menino”⁹⁵.

Dessa forma, o projeto também serviu para a substituição desse material rudimentar nas construções por materiais mais seguros, ou seja, um processo de substituição das casas de taipa pelas feitas de tijolos, como mostra Padre Gaspar Rafael

[...] aí depois como Arara tinha muita casa de taipa, aí começaram a fazer tijolos de bloco, aí com esses tijolos o povo foi construindo novas casas e substituindo as casas de taipa por casas de tijolos. E eu não tenho dúvidas que o crescimento estrutural também foi significativo, com a construção de casas não mais de taipa, mas sim de tijolos [...]⁹⁶

Nesse aspecto, é possível afirmar que os trabalhos realizados por Lambert e Leonard ajudaram não só o bem estar e as melhorias sociais para a população, mas também ajudou a modificar o aspecto estrutural urbano de Arara, uma vez que o número de casas feitas com tijolo, em substituição às casas de taipa na época se deu de forma considerável, não só em Arara como também em Santa Fé.

3.2 O TRATO COM A SAÚDE

Outra preocupação dos religiosos em Arara logo que chegaram foi com a saúde da população, “que em fins da década de 1960 e durante toda a década de 1970 se encontrava completamente abandonada por parte do poder público, tendo o primeiro posto médico municipal da cidade sido instalado apenas no início dos anos 1980, com atendimento diário de quatro horas”⁹⁷. Antes da chegada dos religiosos holandeses em Arara a maioria da população ararense, quando ficava doente, recorria aos senhores José Medeiros dos Santos (Zé Bigode)⁹⁸

⁹⁴ FLOREN, José. Entrevista concedida ao autor em 28 de abril de 2018; PEREIRA, 2011.

⁹⁵ SILVA, Maria de Fatima. Entrevista concedida ao autor em 15 de abril de 2018.

⁹⁶ N NUNES, Gaspar Rafael. Entrevista concedida ao autor em 25 de abril de 2018.

⁹⁷ PEREIRA, 2011, p. 45.

⁹⁸ Integrante do grupo dos Marianos e amigo pessoal de Lambert e Leonard, sendo Prefeito da cidade em duas legislaturas.

e Sebastião Alves de Souza (Seu Bastos), que eram proprietários das duas únicas farmácias na cidade, a assumiam funções de farmacêuticos⁹⁹.

Vendo esse descaso, Padre Lambert, mesmo sem formação acadêmica se viu obrigado a agir, e começou a atender os doentes que lhe procuravam, inicialmente na casa paroquial da Igreja de Arara. Lambert, em sua missão no Zaire, conviveu com diversos médicos franceses, recebendo também treinamento de primeiros socorros. Com isso, e com a ampla experiência adquirida na África, padre Lambert utilizou os conhecimentos na área da saúde antes utilizados para auxiliar os médicos franceses, agora para ser o principal cuidador da saúde dos ararenses.

Padre Lambert percebeu que “seus conhecimentos ‘médicos’ seriam uteis, uma vez que, chegando em Arara, logo percebeu que a pobreza e a miséria de Arara não eram tão diferentes do que eles tinham presenciado na África”¹⁰⁰. Percebe-se com essa fala, que a situação em que os moradores do município de Arara se achavam antes da chegada dos cônegos holandeses era realmente crítica, sendo comparada até com um país pobre da África que convivia em guerra civil. Os moradores de Arara que necessitavam de atendimento tinham que se deslocar para outras cidades. O atendimento médico mais próximo ficava a mais de vinte e cinco quilômetros, em Areia-PB ou em Bananeiras-PB. Esses deslocamentos não eram simples, os percursos na década de 1960 eram realizados por meio de jipe (aos que tinham carro ou que pudessem alugar). Alguns também se arriscavam utilizando cavalos. Com tanta dificuldade, os atendimentos médicos eram raros, e as doenças se proliferavam¹⁰¹.

Diante desse cenário, como já falado acima, Padre Lambert começa a atender os doentes na casa paroquial, cedendo muitas vezes até mesmo sua cama para que os enfermos pudessem ficar internados. Mas, diante do espaço reduzido no local, e do número crescente de pacientes, em fevereiro de 1970, com ajuda dos próprios alunos da escola profissionalizante e da comunidade, também em sistema de mutirão, construiu um prédio nas proximidades da Igreja Matriz para funcionar um pequeno hospital (Figura 2), onde

O mobiliário, as roupas de cama, cobertas e louças foram doadas pela comunidade local e os recursos foram provenientes principalmente do exterior. Os aprendizes de carpintaria e marcenaria, que já estavam estudando há alguns meses, ficaram responsáveis por confeccionar os móveis do hospital¹⁰².

Com o prédio próprio para o atendimento, possibilitou-se que mais pessoas fossem atendidas e ficassem internadas ao mesmo tempo. No início eram apenas 3 camas na casa paroquial, depois com a construção de um prédio próprio para o atendimento, o número foi

⁹⁹ SILVA, 2017.

¹⁰⁰ COMBLIN; et al., 2009, p. 11.

¹⁰¹ PEREIRA, 2011; SILVA, 2017.

¹⁰² PEREIRA, 2011, p. 45.

ampliado para 12 e por fim o número chegou a 35 leitos. Na imagem abaixo padre Lambert cuida de uma das pacientes do hospital, na ala onde ficavam os doentes que necessitavam de internação. Nota-se a simplicidade do lugar, que talvez realmente não tinha as condições de higiene adequadas para o atendimento médico, mas é inegável a sua importância num momento em que a cidade não contava com outra opção de cuidados hospitalares. Observe também a cama e o criado-mudo de madeira, provenientes do trabalho da escola técnica de padre Leonard, confeccionados pelos alunos, que compôs o mobiliário do hospital.



Figura 10: Padre Lambert ao lado de uma paciente na Casa de Saúde, meados da década de 1980.
Fonte: Arquivo pessoal de Maria de Fátima Silva.

A estrutura do hospital, que era rudimentar, tinha aparelhos que vinham da Europa e outros que foram comprados em Recife. Com o tempo, a chamada “Casa de Saúde de Padre Lambert”, passou a contar, além de atendimento médico, com outros serviços como exames de fezes, urina, hemograma e glicose. Diariamente eram atendidas entre 30 e 40 (por vezes até mais) pessoas de todas as idades, mais principalmente crianças, mais suscetíveis às doenças comuns na época, como sarampo, varíola (bexiga) e enfermidades decorrentes da proliferação de verminoses, ocorridas principalmente pela falta de higiene e saneamento básico, caso de Arara na época¹⁰³.

Em 1974 foi ampliado o hospital com mais um ala para servir de maternidade, além da criação de mais uma seção voltada para a realização de radiografias, sendo o aparelho de raio-X doado pela congregação aos cônegos. A maternidade foi também um importante avanço para

¹⁰³ FLOREN, José. Entrevista concedida ao autor em 28 de abril de 2018; COMBLIN; et al., 2009.

a cidade, pois com ela, as crianças teriam um local adequado para nascer. A maioria das crianças de Arara por esta época nascia pelas mãos das parteiras Diolina, Tarciana e Lavina, que foram convidadas por Lambert, para aprimorarem sua atividade e adquirirem mais conhecimento e assim atuar na maternidade. Logo aceitaram o convite e, por intermédio de Padre Lambert, fizeram um curso de aperfeiçoamento na maternidade do Hospital das Irmãs em Esperança-PB. Estas três senhoras ficavam responsáveis pela assistência das gestantes. Ainda na área da saúde, Lambert percebeu também

[...] que havia grande carência em relação à saúde da mulher e logo tratou de implantar um sistema de pré-natal e de cuidado ginecológico na cidade, contando com o auxílio de uma freira estrangeira que trabalhava no Hospital das Irmãs em Esperança-PB, que designava, uma vez por semana, uma enfermeira para prestar este tipo de serviço às mulheres ararenses.¹⁰⁴

Esse trabalho de Lambert, tratando da saúde dos cidadãos ararenses, era uma ação humanitária, tendo em vista a situação de abandono em que a cidade se encontrava na época de sua chegada. Além dos cuidados com a saúde, que era precária, o grande problema da época em Arara era a fome, e Lambert se preocupava também com isso. O atendimento no hospital, obviamente, era gratuito, apenas quem quisesse ou pudesse dava uma ajuda para o custeio das despesas, mas isso era raro. Como a maioria dos pacientes não tinham condições, além de nada pagar, ainda eram presenteados, quando tinham alta, com uma “feira”, uma espécie de cesta básica com alimentos para a família, e também com roupas, que vinham de doações da Europa, e que pela falta de outras, eram usadas à exaustão¹⁰⁵.

Os recursos para o hospital vinham quase que exclusivamente do exterior, principalmente da Bélgica e da Holanda. Eram enviados por amigos, familiares dos religiosos, pela congregação à que pertenciam, e também de uma instituição belga-batava de auxílio à saúde, a MEMISA¹⁰⁶. Sobre essa ajuda, cabe destacar o testemunho do próprio Lambert:

Logo que cheguei aqui achava bom e útil fazer alguma coisa para os doentes que me procurava. Nos primeiros anos tratava dos doentes na casa paroquial, como o número aumentava e o lugar para hospitalizar era pequeno demais e não deu quase mais possibilidade de dormir, procurei ajuda d’uma organização de assistência medica – MEMISA, Bélgica e Holanda. Esta organização me ajudava também no Congo [...] Com a ajuda da MEMISA foi construído 1 pavilhão de 187m² em 1973. Custava 25.000,00 cruzeiros. Em 1974 foi construído 1 de 86 m² que custava 25 mil cruzeiros.

¹⁰⁴ PEREIRA, 2011, p. 51.

¹⁰⁵ SILVA, Maria de Fatima. Entrevista concedida ao autor em 15 de abril de 2018; FLOREN, José. Entrevista concedida ao autor em 28 de abril de 2018.

¹⁰⁶ MEMISA é uma Organização Não Governamental franco-belga-holandesa que luta pelo acesso a cuidados de saúde de qualidade para todos, apoiando os centros médicos, hospitais e seus funcionários.

Em 1975 foi construída 1 de 160 m² que custava 31 mil cruzeiros. Foi gasto para equipamentos 60.000,00 cruzeiros ¹⁰⁷

Fica evidente, pelo relato e os pelos valores mostrados, que o investimento em forma de doação, vindo do exterior, foi o que possibilitou, através da ação dos cônegos, tamanha transformação na cidade de Arara, num período imediato de cerca de 15 anos, se formos analisar o trabalho efetivo dos dois religiosos juntos, antes da saída de Padre Leonardo para Solânea, ou 23 anos se analisarmos o período de atuação de Padre Lamberto, desde sua chegada em 1968 até seu falecimento em 1991.

Essas ações voltadas para a área da saúde efetuadas por Padre Lambert são imensamente valorizadas pela população de Arara contemporânea ao período em que ele serviu na cidade. No entanto, houveram algumas situações que mostram que jamais foi unanimidade. Separamos aqui dois exemplos que mostram isso.

O primeiro é o relato de Maria de Fatima Silva, que mostra o episódio em que os religiosos foram denunciados para os “federais”, para os sensores da ditadura militar, sob a acusação de comunismo. As denúncias eram anônimas, mas é popularmente sabido entre os ararenses e comum entre as informações obtidas, que ela teria partido de Marísio Moreno, que via os religiosos como ameaça ao seu domínio na cidade. Vejamos o relato:

Ele atendia o povo em casa, era muito ligado ao povo, ai houve um tempo que teve até denuncia, o finado Marísio denunciou ele pra polícia federal, ai quando a polícia chegou tava cheio de criança doente que só tinha barriga e olho, ai as mães também tudo lá, que num tinha onde botar, ai eles foram pra mesa tomar café, quando terminou tudinho, conversou tudo, quando o policial, o general saiu, tinha ficado uma turma fora, era tempo de ditadura né, ai os padre não podia ficar reunido assim, com o povo, porque na ditadura tudo pra eles era comunista, ai quando o policial chegou o coração da gente dispara né, ai quando ele saiu e disse pros outros “enquanto eu viver ninguém mexe com esse homem, esse homem salva vida” e isso eu vi com meus próprios olhos mesmo, e em Santa Fé foi do mesmo jeito, foram pra padre Leonardo também e viram que ele ajudava também, ai disseram que enquanto eles vivesse ninguém mexia com eles não, e nunca mais vieram mesmo.¹⁰⁸

Por serem ligados e ajudarem ao povo, que passou a recorrer a eles e não mais aos líderes políticos, esses líderes, tal como o denunciante acima citado, perdiam não só influencia sob o povo como também a moeda de troca clássica, que era a troca de favores por apoio político. Dito isso, se entende a rixa política existente, motivadora de denúncias dessa natureza, mesmo afirmando que os religiosos não se envolveram diretamente com política.

¹⁰⁷ Depoimento concedido a Nathanael Alves do Jornal O Norte divulgado em 15 de março de 1977.

¹⁰⁸ SILVA, Maria de Fatima. Entrevista concedida ao autor em 15 de abril de 2018.

Já o médico, um dos primeiros a atender na unidade de saúde do município, o Doutor Glauco Kardec de Brito Neves¹⁰⁹ era completamente contra o trabalho do religioso, mesmo admitindo que tinha certa valia no que tange a solidariedade de saciar a fome da população. Cabe aqui destacar o relato contido em Pereira (2011), na íntegra:

Totalmente errado, ele não teve a formação acadêmica, não teve experiências práticas, experiências clínicas, estágio em centros de radiologia, era totalmente errado, agora o que era favorável era que ele dava um prato de comida, quer dizer o pessoal ia lá era por osmose ao tratamento porque ele não sabia dar diagnóstico, primeiro pela diferença de língua. Ele não sabia dar diagnóstico, mas em contrapartida dava um prato de comida, a única valia que tinha era o acolhimento pela comida, mas não tinha senso de assepsia, não tinha senso de diagnóstico, de exame clínico, de exame físico ele não sabia, não sabia fazer exame físico numa pessoa, ele não estudou anatomia, não tinha senso de anatomia, de farmacologia ele não tinha, mas como em contrapartida ele dava um prato de comida e uma cama o paciente corria o risco de pegar uma contaminação ambiental mas estava de barriga cheia, era a única valia que tinha, agora pelo lado religioso ele tinha suas virtudes, mas como profissional essa conduta era muito indesejável posso dizer, a verdade é essa.¹¹⁰

E ainda prossegue

Não, interessante, por mais paradoxal que seja ele acolher, dar um prato de comida, uma medicação... fazia efeito, naquele tempo não existia esses programas bolsa alimentação, fome zero... Então pra você ideia na época o padre a maior doença era a fome, era a miséria que se preponderava na nossa cidade, além das parasitoses, das dermatoses, houve até um surto nesse período de peste bubônica em Arara, mas a maior doença em Arara era a fome, a fome era a maior entidade nosofóbica da época, então nesse lugar tinha um prato de comida, então foi debelada muita doença por conta da fome. Fala-se que ele teve treinamento de primeiros socorros lá na guerra. Fala-se, mas a gente não concorda, quem tem treinamento de primeiros socorro é muito vago, pra você exercer a função de médico você tem que ter bases fundamentais que é fisiologia, anatomia, farmacologia que é importante e ele não tinha essas funções básicas, esse treinamento básico, ele não tinha, era um prático, um religioso prático, mas não tinha fundamento nenhum, não tinha noção das cadeiras básicas de medicina.¹¹¹

Importante ressaltar, que mesmo com a instalação de uma unidade de saúde na cidade, as consultas com o Padre Lambert continuaram praticamente no mesmo ritmo, ou seja, as pessoas não deixaram de ir “se curar” com o padre, e viram a unidade médica da prefeitura como uma melhoria, uma opção a mais, e não como uma substituição ao trabalho de Lambert. Imagina-se que isso tenha ocorrido devido ao lugar social ocupado por Lambert, como um padre, um homem de Deus, que também era “médico”, trazendo ao imaginário popular a ideia de preferir ser curado por um “homem de Deus”.

¹⁰⁹ Formado pela Universidade Federal da Paraíba em 1977, especialista em medicina do trabalho e clínica médica.

¹¹⁰ NEVES, 2011 apud PEREIRA, 2011, p 53.

¹¹¹ Ibidem, p. 54.

3.3 AS FESTIVIDADES

Outra novidade trazida pelos religiosos à cidade, especialmente Lambert, foi um calendário de comemorações implantado, criando dias de lazer e alegria para um povo acostumado à monotonia. Assim, Lambert passou a implantar na cidade as festividades de comemoração do dia das mães, do dia das crianças que começaram a ser realizadas a partir de sua mobilização e contanto, sem exceção, com sua participação anual. No dia em que se davam essas festividades “distribuía-se ‘feiras’ para a população carente, brinquedos para as crianças, os trabalhos de bordado, costura e pintura oriundos de seu projeto”¹¹².



Figura 11: Padre Lambert em uma das comemorações que promovia, meado dos anos 1980.
Fonte: Acervo pessoal de Maria de Fátima Silva.

A imagem acima é um registro de uma dessas comemorações, no caso o dia das crianças. Nota-se um Lambert que já aparenta idade e que provavelmente já não tinha mais o vigor de outros tempos, mas mesmo assim, não deixa de realizar seus trabalhos em prol da população, em especial a população mais carente, que como se vê, compunha a totalidade dos presentes na sala, pessoas humildes e sem condições de obter lazer. Nesse ponto, imaginamos o que esses eventos causavam no imaginário popular, principalmente das crianças, que passaram a ter dias de alegria e diversão e sair do cotidiano de carência comum a grande parte deles.

¹¹² PEREIRA, 2011, p. 57.

Outro evento que se tornou grande comemoração foram as festividades de Nossa Senhora da Piedade, Padroeira da cidade, realizada em 8 de setembro, ocasião em que se organizavam mutirões para arrecadar mantimentos para o hospital, assim como itens para o leilão anual, realizado no pavilhão da festividade, o chamado “leilão do padre”. Sobre isso, Maria de Fátima Silva relata que:

Aí na época da festa de setembro, a gente se reunia, a turma do padre toda, junto com Bigode, aí se juntava e a gente ia pros sítios pedir doação a quem pudesse dar, aí a parte de galinha e ovos e essas coisas de criação ia pro leilão que a gente fazia pra arrecadar dinheiro né, aí os negócio de alimentos, feijão, farinha, batata essas coisas já ficava pro hospital, aí já era uma ajuda... a gente ia mais ou menos na metade de agosto já ia, pra quando chegasse na festa já tá tudo junto, aí a gente ia pros sítios e o pessoal dava com todo o prazer, eles sabia né que já era pro padre e que ia ser usado pra ajudar, e mesmo que tivesse pouco pra dar, o povo já guardava as galinhas pra quando chegasse o tempo dar pro leilão do padre.¹¹³

Isso tudo vem mostrar o engajamento da população para participar dos eventos promovidos pelo religioso, citando ainda a figura de Bigode, que muito por sua amizade com os religiosos, principalmente com Padre Lambert, conseguiu alcançar a prefeitura de Arara, uma vez que era evidente a influência que os religiosos tinham junto ao povo, até politicamente, mesmo sem tomar partido.

3.4 SUCESSORES DE IBIAPINA?

Por fim, vale salientar que os religiosos trabalharam em uma terra apregoada de religiosidade, numa cidade que se fez e que se formou a partir da fé. É possível afirmar isso, tanto pelas doações feitas em nome de divindades, no caso, Nossa Senhora da Piedade, onde se fundou a igreja e a partir dela, começa a surgir o povoado, onde hoje se encontra a cidade de Arara, como também por já ser uma terra de missionários, tendo em vista o trabalho realizado por Padre Ibiapina na região no final do século XIX.

Seu trabalho de construção de casas de caridade, construção de igrejas e implantação de paróquias, deixou marcas que perduram até hoje, sendo Santa Fé atualmente um santuário a ele devotado, com grande peregrinação de fiéis de diversos lugares não só da Paraíba, como também de outros estados. Padre Ibiapina é hoje um santo popular de Arara e região.

No entanto, após sua morte, em 1883, Santa Fé ficou praticamente abandonada, com exceção de algumas beatas remanescentes. Isso até a chegada de Leonard e Lambert, que teriam a missão de continuar esse trabalho, e à sua maneira, o fizeram, assumindo um trabalho não só

¹¹³ SILVA, Maria de Fatima. Entrevista concedida ao autor em 15 de abril de 2018.

religioso, mas de promoção humana, cuidando não só das almas, mas dos corpos e do ambiente em que as populações viviam. Ana Soares da Silva, que conviveu com os religiosos durante toda a sua estada em Arara, e principalmente com Padre Leonardo, até seu falecimento, no ano de 1999, em Solânea, afirma que os religiosos foram recrutados para a Paraíba justamente para assumir o legado deixado por Ibiapina, dizendo que “Dom José Maria Pires, quando estava na Holanda, eles tinha acabado de chegar da África, aí Dom José Maria Pires disse que queria que ele viesse pra cá, pra eles fazer o trabalho de padre Ibiapina, porque eles ia ser o segundo padre Ibiapina”¹¹⁴.

Os próprios padres tinham essa ideia, de que, se não eram propriamente os sucessores de Padre Ibiapina, pelo menos de certa forma deram continuidade aos seus trabalhos, que se encontravam praticamente abandonados desde a sua morte, e apesar de não conhecerem sua história antes de chegarem ao Brasil, se tornaram estudantes assíduos das obras de Ibiapina, e em consequência disso se tornaram admiradores do santo popular regional.

Esse contexto de religiosidade e de importantes missionários que deixaram suas contribuições para a região, fez surgir no imaginário popular, especialmente de pessoas mais ligadas ao contexto religioso, essa ideia de sucessão que é visto como natural, mesmo sem o ser de forma explícita e gritante, é inerente no imaginário popular que Leonard e Lambert são sucessores do trabalho de padre Ibiapina, e que de certa forma a cidade ainda aguarda até hoje quem ocupe o lugar de tal destaque outrora ocupado pelos cônegos holandeses.

A imagem abaixo mostra o último registro de Lambert e Leonard juntos, antes do falecimento de Lambert, o último registro em que os amigos que trabalharam juntos desde a missão na África. Interessante notar que a fotografia capta bem as características que o imaginário popular traz dos religiosos: um Lambert sempre mais sério e um Leonard sempre risonho e de aparência convidativa. A amizade e o companheirismo dos religiosos é algo inerente a todos as fontes consultadas, e sobre isso Ana Soares da Silva afirma que:

Eles era muito amigo, um queria muito bem ao outro, mesmo quando padre Leonardo foi pra Solânea eles nunca deixaram de se encontrar não, era toda semana, às vezes até mais de uma vez na semana. Aí quando se encontrava era aquela alegria né padre Leonardo sempre muito contente né que toda vida foi, eles se sentiam muito bem juntos, pensavam muito igual quando era pra ajudar o povo, tinham aquele prazer de ajudar o povo sem pedir troco, e assim foi até Deus levar eles, primeiro padre Lambert e depois padre Leonardo.¹¹⁵

¹¹⁴ SILVA Ana Soares da. Entrevista concedida ao autor em 28 de abril de 2018.

¹¹⁵ Ibidem.

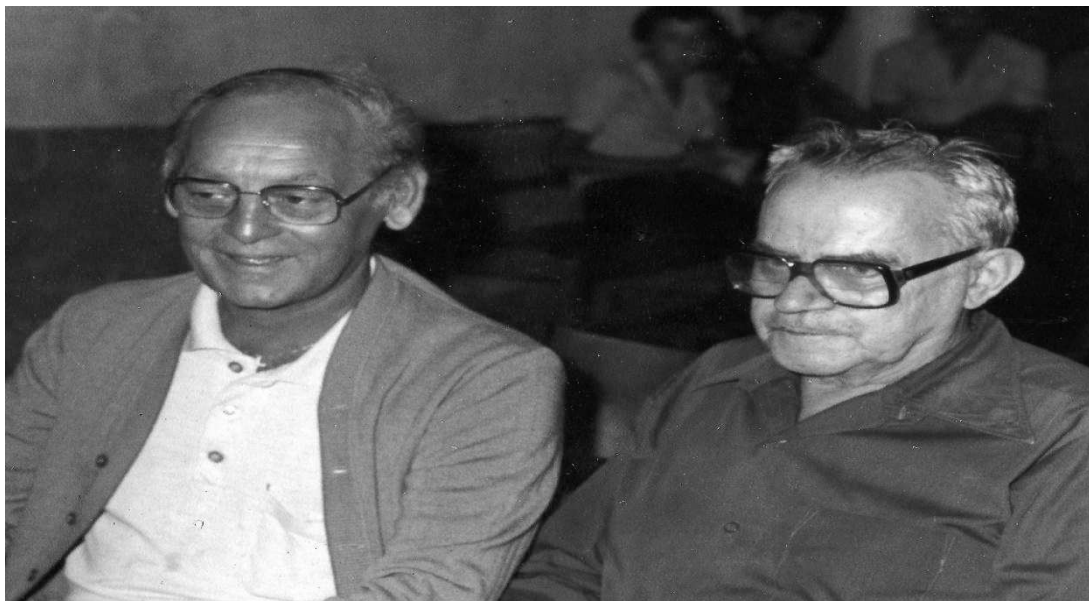


Figura 12: Leonard (à esquerda) e Lambert (à direita) em um dos últimos registros juntos, final da década de 1980. Fonte: Arquivo pessoal do Padre José Floren.

Faz-se importante frisar a importância de Dom José Maria Pires em todo esse processo, tanto na vinda dos cônegos para a região, quanto no incentivo aos trabalhos realizados e na continuidade da obra do Padre Ibiapina, que os fez se sentirem à vontade e a ter verdadeiro apego ao lugar e às pessoas, como afirma o padre José Floren:

Foi Dom José Maria Pires, quando ele confiou aqui Santa Fé e Arara aos cônegos, aos padres, chamou e eles assumiram aqui, Dom José sonhou para retomar a obra de Padre Ibiapina, então eles tinham consciência sem conhecer padre Ibiapina, porque naquele tempo tinha pouca informação sobre quem era padre Ibiapina, era o mínimo que eles sabiam sobre padre Ibiapina, mas na cabeça deles eles estavam continuando, porque padre Ibiapina também era voltado para a instituição da igreja e dos sacramentos, mas também tinha o coração voltado para as necessidades do povo, e nesse sentido eles se encaixavam, na cabeça deles também, continuando a obra de padre Ibiapina, por causa da preocupação de colocar no centro das preocupações assim, o povo, as necessidades do povo.¹¹⁶

Padre José Floren, ainda sobre isso, relata o episódio da ocasião em que Padre Leonard tem que deixar Santa Fé, e todo o seu trabalho já realizado, para assumir a paróquia de Solânea

A diocese foi que mudou muita coisa aqui em Santa Fé, porque foi Dom Marcelo juntamente com uma equipe de padres que fecharam aqui a escola técnica, para transformar Santa Fé num centro pastoral, só pastoral e nada de profissionalizante, aí padre Leonardo sentiu muito isso, ele ficou muito triste com o fechamento, e tomou outros rumos e foi assumir a paróquia de Solânea, ele saiu daqui com desgosto, ele gostava muito daqui e acreditava também que estava continuando a obra de padre Ibiapina, de dar uma formação e apoiar, assim e promover o povo com esta escola. A escola também estava passando por certas dificuldades de dinheiro, mas ele acreditava que ia retomar a caminhada, mas aí Dom Marcelo, quando deram entrada no processo de beatificação de padre Ibiapina, então Santa Fé tomou outro rumo. Ele levou as

¹¹⁶ FLOREN, José. Entrevista concedida ao autor em 28 de abril de 2018.

maquinas e sonhou ainda em reabrir a escola técnica lá em Solânea, mas isso não se realizou.¹¹⁷

Enfim, Lambert e Leonard marcaram sua passagem em Arara e deixaram marcas no seu povo e conseqüentemente na própria cidade, tendo em vista que a cidade é seu povo, e é o povo que faz e dá características à cidade. A preocupação dos religiosos não se limitou ao âmbito religioso, uma vez que “não se trata mais de uma questão de dirigir o povo para a sua salvação no outro mundo, mas, antes, assegurá-la neste mundo. E, neste contexto, a palavra salvação tem diversos significados: saúde, bem-estar, segurança”.¹¹⁸

Desse modo, salvar o povo significa olhar a vida, o cotidiano, as condições em que a população se encontra e o lugar que faz das pessoas cidadãos e cidadãs, as cidades e as transformações ocorridas nelas, que influenciam seu povo e junto com ela se modifica. Não se pode analisar cidades, bem como qualquer outro espaço, sem se analisar as pessoas que nela habitam e que a modificam, modificando também a si mesmos nesse processo. Ao tratar do povo, e das condições dessa população, nossos personagens ajudaram a montar o panorama de Arara, nos anos em que atuaram na cidade, e também nos anos posteriores, a partir das heranças e memórias deixadas com a população.

¹¹⁷ FLOREN, José. Entrevista concedida ao autor em 28 de abril de 2018.

¹¹⁸ FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Herbert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Forense, 1995. p. 238 Apud PEREIRA, 2011, p. 49.

CONCLUSÃO

Em cidades de pequeno porte, como era e ainda é o caso de Arara – PB, que nas décadas de 1970 e 1980, que aqui foi analisada, tinha população eminentemente rural, os mandos e desmandos dos grandes proprietários da região deixava a população ararense da época de certa forma refém da classe e das famílias dirigentes do município. Isso começou a se modificar com a chegada dos cônegos holandeses.

Logo após a chegada dos religiosos em terras ararenses, em 1968, já se iniciaram os trabalhos em prol da população de Arara em geral, e principalmente à população mais carente, que merecia maiores cuidados e atenção, pela precariedade na qual viviam. Com total liberdade de atuação dada pelos seus superiores, especialmente o arcebispo local Dom José Maria Pires, que não só sabia de seus trabalhos como também apoiava e elogiava suas atuações, seja no ensino de um ofício para os jovens, seja pelos cuidados com a saúde da população ararense, Lambert e Leonard atuaram sempre na intenção de melhorar o cotidiano do povo, do primeiro ao último dia em que estiveram em terras ararenses.

Os personagens dessa pesquisa, é inegável, ajudaram a modificar o cotidiano da cidade estudada, não diretamente, com grandes construções e grandes fatos marcantes, mas com um trabalho junto ao povo. Em outras palavras, a verdadeira mudança que Lambert e Leonard promoveram na cidade de Arara se deu pela modificação implementada junto ao povo, a quem ambos mais se dedicavam. O trabalho dos cônegos se voltou ao âmbito social, no auxílio dos que estavam à margem da sociedade, social, econômica e politicamente marginalizados, de acordo com a visão de mundo que fez parte de suas formações humanas e espirituais. Esse era o foco principal de seus trabalhos, e só a partir daí se deu as melhorias estruturais na cidade, como uma consequência com o lado humanitário.

Em uma cidade pequena e fundada no âmbito da religiosidade é comum que sua população se incline à exaltação de determinados personagens influentes, e principalmente figuras religiosas, que podem ocupar no imaginário popular a imagem excepcionalidade humana¹¹⁹, causando inclusive certa carência dessas figuras, onde se ficam na espera pelo próximo benfeitor.

Em Arara, essa percepção pode ter ocorrido pela população em relação à Lambert e Leonard, tendo em vista que as suas obras assistencialistas, voltadas para atender a população mais carente da cidade se assemelhavam às obras implementadas pelo Padre Ibiapina nessa

¹¹⁹ PONCIANO, Nilton Paulo. **Fronteira, religião, cidade: o papel da Igreja Católica no processo de organização socioespacial de Fátima do Sul/MS (1943-1965)**. 2006. Tese (Doutorado em História) – FCL/UNESP, Assis.

mesma região. Dessa forma, a memória que se tem de Ibiapina, notadamente um santo popular da região, fez com que a população da cidade enxergasse nos religiosos holandeses as figuras de sucessores do “Santo Padre”, tanto pelo trabalho social que exerceram como pelo local em que realizaram esse trabalho ser um dos locais no qual Ibiapina trabalhou.

Ainda que não o pretendessem fazer, as ações de Lambert e Leonard certamente incomodaram os políticos locais. Primeiramente, por ter adotado uma postura favorável aos populares, especialmente no trato da questão agrária, doado terras para os que não tinham e possibilitando que saíssem do clientelismo ainda vigente na época. Em segundo lugar, por arquitetarem projetos que beneficiavam a comunidade carente do município de Arara. Esta comunidade, que num contexto anterior à chegada dos religiosos, estava habituada a recorrer à elite local, que em típicas relações clientelistas, podia utilizar da prestação de assistência médico-hospitalar, do fornecimento de alimentação, de lenha para cozinhar, entre outros possíveis exemplos, para se manter no topo da hierarquia política e das relações de poder, pois, nestes casos, as pequenas trocas de favores possibilitavam a permanência de uma elite econômica numa estrutura política. Embora grande parte da população foi favorável e compactuou de suas ações, os cônegos não ficaram isentos de críticas, principalmente no que tange Padre Lambert, com suas atividades vinculadas a área da saúde recebendo denúncias para os militares, sob a acusação de comunismo, e de profissionais médicos, que atestavam não haver tanta credibilidade quanto a esse trato de Lambert com a saúde da população ararense¹²⁰.

Mesmo se tendo em mente que outros fatores auxiliaram nessa melhoria das condições do povo ararense e um maior desenvolvimento da cidade em si, é inegável a importância que esses religiosos tiveram nesse desenvolvimento, especialmente no período estudado, onde os auxílios governamentais era praticamente inexistentes, e quando ocorriam se davam por meio de um sistema de troca clientelística. Importante ressaltar aqui também, que Leonard e Lambert não era lobos solitários na busca por essas melhorias, contando sempre com a ajuda do povo nos mutirões e dos líderes sindicais da época na distribuição de terras e arrecadação de mantimentos entre outros serviços que não podiam fazer sozinhos.

Numa cidade fundada na religiosidade, e que desde sua fundação tem homens da igreja como seus símbolos, como foi Ibiapina no século XIX, Lambert e Leonard tomaram esse lugar no século seguinte, tanto para os que os acompanhavam e viram seus trabalhos como no imaginário popular, onde anda se aguarda, de certa forma quem será ou quem serão os sucessores de seus trabalhos.

¹²⁰ PEREIRA, 2011.

FONTES

FLOREN, José. Entrevista concedida ao autor;

Fotografias do acervo pessoal dos entrevistados e de colecionadores da cidade

Jornal O NORTE de 15 de março de 1977;

LIVRO DE BATISMO. Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Piedade, Arara. nº 01, 1968.

LIVRO DE CASAMENTO. Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Piedade, Arara. nº 01, 1968.

NUNES, Gaspar Rafael. Entrevista concedida ao autor;

SILVA, Ana Soares da. Entrevista concedida ao autor;

SILVA, Maria de Fátima. Entrevista concedida ao autor;

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Joel Carlos de Souza; Dantas, Eugênia Maria et al. (Org.). **Cultura e Cidades**. 1 ed. – Campina Grande: EDUFCEG, 2009.

BEZERRA, Osicleide de Lima. **Trabalho, pobreza e caridade: as ações do Padre Ibiapina nos sertões do nordeste**. Tese (Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em imagens e histórias**. Campina Grande: EDUFCEG, 2009.

CARVALHO, Ernando Luiz Teixeira de. **Ibiapina e Santa Fé nos Desafios do Tempo: Um Manuscrito do Século XIX em Confronto com Outros Textos**. João Pessoa – PB: Ideia. 2015

CERTEAU, M. de. **A escrita da história**. - Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. **A invenção do cotidiano: 1, Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1994.

CIDADE-BRASIL. **Município de Arara**. 2016. Disponível em < <https://www.cidade-brasil.com.br/municipio-arara.html> > Acesso em 17 de setembro de 2018.

COMBLIN, José; et. al. **A continuidade dos trabalhos do Padre Ibiapina realizado com os cônegos regulares lateranenses**. 40 anos da Ordem dos cônegos regulares lateranenses: Província francesa – belga – holandesa no Nordeste. Solânea – PB: Canônica Casa de Acolhida MAGNIFICAT, 2009.

DAMASCENO, Francisco José Gomes; SOUZA, Antônio Clarindo Barbosa de. (Org.). **Cidades (Re) Inventadas: Sujeito(s), Fonte(s), história(s) na Paraíba e no Ceará**. – Fortaleza/Campina Grande: EDUECE/EDUFCEG, 2010.

FERREIRA, Marieta Moraes (Org.). **História oral: desafios para o século XXI**. – Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2010.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, Herbert; RABINOW, Paul. **Michel Foucault: Uma trajetória filosófica (para além do estruturalismo e da hermenêutica)**. Rio de Janeiro: Forense, 1995.

GOMES, Iordan Queiroz. **Sensibilidades e representações na construção do espaço urbano aroeirense entre sonhos, desejos e práticas (1920-1960)**. Campina Grande: UFCG, 2012. 274f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de pós-graduação em História, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2012.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, Cidades. Brasil/ Paraíba/ Arara, Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/arara/panorama>> Acesso em: 27 abril de 2018.

MATA, Sergio da. **Chão de Deus: Catolicismo popular, espaço e proto-urbanização em Minas Gerais, Brasil (séculos XVIII-XIX)**. – Berlim: WVB, 2002.

MONTENEGRO, Antônio Torres. **História Oral e Memória: a cultura popular revisitada**. 6 ed. - São Paulo: Contexto, 2010.

NASCIMENTO, Francisco Alcides do; MONTE, Regianny Lima. (Org.). **Cidade e Memória**. – Teresina/Imperatriz: EDUFPI/Ética, 2009.

NETO, Faustino Teatino Cavalcanti; SILVA, Josinaldo Gomes da. (org.). **Cidades, Cultura e fontes historiográficas: experiências urbanas na Paraíba**. Campina Grande: EDUFPG, 2017.

PEREIRA, Lidiany Kall Gomes. **Padre Lambert: o religioso, as ações sociais e a militância política na cidade de Arara – PB durante as décadas de 1970-1980**. 2011. 68 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia) Universidade Federal de Campina Grande. Campina Grande – PB, 2011.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Muito além do espaço: por uma história cultural do urbano**. Estudos históricos. Rio de Janeiro, n. 16, 1995.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2010.

_____; LUCA, Tânia Regina (Org.). **O historiador e suas fontes** – São Paulo: Contexto, 2009.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

_____. “Memória e identidade social”. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, 1992.

PONCIANO, Nilton Paulo. **Fronteira, religião, cidade: o papel da Igreja Católica no processo de organização socioespacial de Fátima do Sul/MS (1943-1965)**. 2006. Tese (Doutorado em História) – FCL/UNESP, Assis.

PROST, Antoine. **Doze lições sobre a história**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

RIOS, FÁBIO; “Memória coletiva e lembranças individuais a partir das perspectivas de Maurice Halbwachs, Michael Pollak e Beatriz Sarlo”. In: **Revista Intratextos**, 2013, vol. 5, no1, p. 1-22. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.12957/intratextos.2013.7102>> Acesso em: 28 de agosto de 2018.

RADIO ARARA FM, 87,9. **História de Arara - PB**. 2014. Disponível em: <<http://www.radioararafm.com.br/p/historia-de-arara-pb.html>> Acesso em 25 abril de 2018

SILVA, Antônio Gregório. **A Cidade, História**. Prefeitura Municipal de Arara - PB, 2017. Disponível em: <<http://www.arara.pb.gov.br/a-cidade/historia.html>> Acesso em 17 de abril de 2018.

APÊNDICE (A)

Roteiro da entrevista com Maria de Fátima Silva

- 01 – Em que contexto os religiosos holandeses vieram para o Brasil e especificamente para a cidade de Arara – PB?
- 02 – Em que condições se encontrava a cidade quando da chegada dos religiosos?
- 03 – Sempre que se fala em Lambert e Leonard se associa um trabalho voltado aos pobres. o que os motivava para este caminho?
- 04 – Lambert ficou conhecido pelo trabalho com os doentes, o que a senhora poderia falar sobre isso?
- 05 – Como foi o início do trabalho dos religiosos em Arara – PB?
- 06 – Como era a atuação na escola profissionalizante?
- 07 – Como a senhora vê o trabalho dos religiosos no desenvolvimento social, religioso e estrutural de Arara – PB?
- 08 – A senhora diria que qual foi a principal herança deixada por Lambert?
- 09 – Como a senhora descreveria Lambert?
- 10 – Como se deu o trabalho dos religiosos no processo de retomada de Santa Fé?
- 11 – Como era o cotidiano de trabalho de Lambert?
- 12 – É possível fazer um comparativo entre a cidade de Arara – PB antes e depois da passagem dos religiosos?
- 13 – Como a senhora enxerga a percepção que os religiosos foram os sucessores de Padre Ibiapina?

APÊNDICE (B)**Roteiro da entrevista com Gaspar Rafael Nunes**

- 01 – Em que contexto os religiosos holandeses vieram para o Brasil e especificamente para a cidade de Arara – PB?
- 02 – Em que condições se encontrava a cidade quando da chegada dos religiosos?
- 03 – Como foi o início do trabalho dos religiosos em Arara – PB?
- 04 – Como era a atuação na escola profissionalizante?
- 05 – Os religiosos contribuíram de alguma forma para o desenvolvimento de Arara – PB?
- 06 – O senhor diria que qual foi a principal herança deixada pelos religiosos?
- 07 – Como se deu o trabalho dos religiosos no processo de retomada de Santa Fé?
- 08 – É possível fazer um comparativo entre a cidade de Arara – PB antes e depois da passagem dos religiosos?
- 09 – Ambos os religiosos tiveram a mesma relevância em seus trabalhos no desenvolvimento da cidade?
- 10 – Qual era a relação que o senhor tinha com os religiosos?
- 11 – Como o senhor enxerga a percepção que os religiosos foram os sucessores de Padre Ibiapina?

APÊNDICE (C)

Roteiro da entrevista com José Floren

- 01 – A quanto tempo o senhor está no Brasil e especificamente na Paraíba?
- 02 – Qual era a sua relação com os religiosos?
- 03 – Em que contexto os religiosos holandeses vieram para o Brasil e especificamente para a cidade de Arara – PB?
- 04 – Em que condições se encontrava a cidade quando da chegada dos religiosos?
- 05 – Como foi o início do trabalho dos religiosos em Arara – PB?
- 06 – Como funcionava a escola profissionalizante de Santa Fé?
- 07 – Como o senhor vê o trabalho dos religiosos no desenvolvimento social, religioso e estrutural de Arara – PB?
- 08 – O senhor diria que qual foi a principal herança deixada pelos religiosos?
- 09 – Como se deu o trabalho dos religiosos no processo de retomada de Santa Fé?
- 10 – É possível fazer um comparativo entre a cidade de Arara – PB antes e depois da passagem dos religiosos?
- 11 – Como o senhor enxerga a percepção que os religiosos foram os sucessores de Padre Ibiapina?

APÊNDICE (D)**Roteiro da entrevista com Ana Soares da Silva**

- 01 – Durante quanto tempo a senhora trabalhou com Padre Leonard?
- 02 – Em que contexto os religiosos holandeses vieram para o Brasil e especificamente para a cidade de Arara – PB?
- 03 – Como era o trabalho de Leonard na escola profissionalizante de Santa Fé?
- 04 – Qual era a relação de Leonard com Arara e Santa Fé?
- 05 – Como se deu o trabalho de Leonard na Cidade?
- 06 – Qual foi o papel de Leonard no projeto de construção de casas populares?
- 07 – Como a senhora descreveria a importância de Leonard no processo de retomada de Santa Fé e no desenvolvimento de Arara?
- 08 – Como a senhora enxerga a percepção que os religiosos foram os sucessores de Padre Ibiapina?